

★★★★★

ZERO ZINE

Nº 4 - ANO XII - FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 1995 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

CONTÉM
1 PÔSTER
BY R. CRUMB



SUMMER EDITION

BOICOTE

AO QUADRINHO NACIONAL!

LOS 3 AMIGOS

Mais sexo, drogas
& guacamoles
com o 4º amigo

SANGUINHO NOVO

Talentos brasileiros
desenham os
maiores da Marvel

MAURÍCIO

O plano infalível
que deixou até a
Disney para trás

SPAWN x BATMAN

Miller e MacFarlane
cobrem as grandes
editoras de porrada

GIBITECAS

Pouca grana e muita
paixão pelas HQs
fazem essa aventura



A um ano do centenário



A primeira versão do Zero Zine, feita em março de 92

Cartunistas e criadores de ficção e realidade estão povoando estas 24 páginas que entregamos a você. Esta é a segunda vez que fazemos uma edição tratando exclusivamente do tema cartum & quadrinhos. O Zero Zine II é uma incursão honesta que revela nossa reverência a uma arte (e um meio de expressão) que está para completar 100 anos em 1996. Cobrimos com mais apuro o que aconteceu com o vigoroso e desrespeitado quadrinho nacional, que tem em Ângelo Agostini um dos seis grandes precursores mundiais da área. Revelamos uma desconhecida lei que protege a produção e o espaço do autor brasileiro e com vergonha confessamos que quem mais burla, a 31 anos, esta legislação, são justamente os grandes jornais e editoras mais consideradas do mercado. Desde o século passado, esta arte registra personagem como a popular Mafalda, que completou 30 anos de existência – embora seu criador, o argentino Quino, a tenha abandonado. Fomos a Porto Alegre para fazer o perfil de três gaúchos com propostas novas: Iotti, com seu *Gibizón Radicci*; Santiago, com o novo álbum *Povaréu*; e Edgar Vasques, que enfrenta algumas desventuras com a grande imprensa, mas continua publicando *Separatismo*, *corta essa* e *Caras Pintadas*. Para fechar o nosso material do Cone Sul, reportamos o que aconteceu no III Salão Internacional de Desenho de Imprensa – evento que ganha fôlego e tradição. De São Paulo, o lançamento da bem-sucedida série de álbuns/livros de *Los Três Amigos*, que soma ao trio Ângeli, Glaucio e Laerte o desenhista Adão Iturrugarai, tema de matéria no Zero Zine I. Outro que também retorna às nossas páginas é Lourenço Mutarelli, um talento inegável, de carreira meteórica e premiada. O escritor Álvaro de Moya fala sobre os desenhos didático-ecológicos de Cláudia Lévy, e o consagrado Maurício de Sousa tem sua trajetória ao sucesso e capitulada. Ainda sem sair da paulicéia, registramos o louvável trabalho da Gibiteca Henfil, que mesmo sem apoio segue atendendo a centenas de aficionados gratuitamente. Na cena internacional, o Zero Zine incursiona por quatro dos maiores autores da vanguarda: o iugoslavo Enki Bilal, o britânico Neil Gaiman e os americanos Frank Miller e Todd MacFarlane. Nossa abordagem resgata publicações antológicas e desaparecidas, como a francesa *Métal Hurlant*, uma das precursoras de uma imprensa combativa que insiste em pipocar por todo o planeta, até mesmo na China e no leste europeu. As notas destoantes são as perdas de dois mestres – Fernando Botero, tratado como um dos cem maiores cartunistas do mundo, e Hilde Weber. Mas vamos alegrar as coisas! Afinal, esta é uma edição de verão. Na página 14, fazemos uma homenagem ao quadrinho underground e presentecemos você com o desenho "demente" do americano Robert Crumb, para cortar e colar na porta do guarda-roupa. Depois de uma edição longa e suada (mas acima de tudo gratificante), esperamos que este Zero seja lido com o mesmo prazer com que foi feito. Só nos resta agora arejar a cabeça, pegar uma pralinha e gozar o que sobrou das nossas férias.



★
3º MELHOR
JORNAL-LABORATÓRIO DO BRASIL
INTERCOM 94
EXPECOM

Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da universidade Federal de Santa Catarina, editado pelo Laboratório de Infografia.

Arte

Michelson Borges e Zé Dassilva
Colaboração espontânea

Al Ortega, Amâncio Chiodi (Agência Estado), General, IstoÉ, Paulo Vasconcelos, Robert Crumb, Wizard

Colaboração

Agecom, Álvaro de Moya, Drica Martorano, Emerson Gasperin, Kátia Klock, Paulo Neves, Paulo Noronha, Clark Kent, Jimmy Olsen, Lois Lane (Planeta Diário), Peter Parker e J.J. Jameson (O Clarim), Donald e Peninha (A Patada)

Copy-write

Diógenes Fischer, Josemar Sehnem, Paulo de Tarso, Ricardo Barreto, Ulysses Dutra Neto, Yan Boechat

Diagramação

Andréa Luswarghi, Giovana Borini, Gisele Souza, Jaime Luccas, Josemar Sehnem, Jussara Campelli, Pablo Claudino, Ricardo Barreto, Ulysses Dutra Neto, Yan Boechat, Zé Dassilva

Direção de arte e de redação

Professor Ricardo Barreto

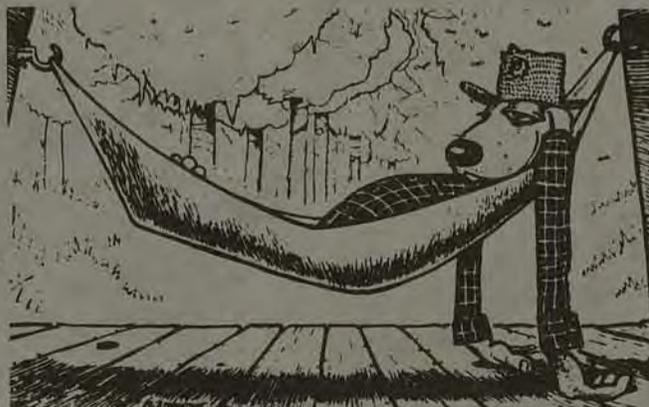
Editores-sênior

Diógenes Fischer, Josemar Sehnem, Zé Dassilva

Editores-júnior

Alessandra Pereira, Andréa Luswarghi, Daniela Cunha, Fábio Bianchini, Gabriela Veras, Giovana Borini, Gisele Souza, Ivan Jerônimo, Jefferson

ANO XII - Nº 4
FLORIANÓPOLIS
- EDIÇÃO DE VERÃO -
FEVEREIRO 95



Dalmoro, Katiuscia Zanatta, Laura Tuyama, Lúcio Lambranco, Marcelo Santos, Marina Moros, Paulo de Tarso, Renê Müller, Tharcila Werlich, Yan Boechat

Editoração eletrônica

Andréa Luswarghi, Cristiane Cardoso, Cristiane Miranda, Diógenes Fischer, Drica Martorano, Emerson Gasperin, Giancarlo Proença, Jaime Luccas, Pablo Claudino, Zé Dassilva

Fotografia

Paulo de Tarso, Yan Boechat

★★★★★
MELHOR PEÇA GRÁFICA
I, II, III, IV, V
SET UNIVERSITÁRIO
88, 89, 90, 91, 92

Laboratório fotográfico

Paulo de Tarso

Levisão

Cebolinha e Hortelino Troca-letra

Secretaria gráfica

Josemar Sehnem

Trilha sonora

Beatles, Caetano, Clarence "Gatemouth" Brown, Charlie Parker, Dexter Gordon, Eric Clapton, Gene Vincent, Gilberto Gil, Guru, Janis Joplin, Jefferson Airplane, Jimmy Hendrix, Miles Davis, Prince, Rolling Stones, Second Come, Sonic Youth, The Clash

Apoio étílico

Amstel Beer (from Amsterdam, Holland)

Cheque-Apufsc

Blue

Redação

Curso de Jornalismo (UFSC-CCE), Trindade, Florianópolis/SC - CEP 88040-900

Telefones

(048)234-9490 e 231-9215

Telex/fax

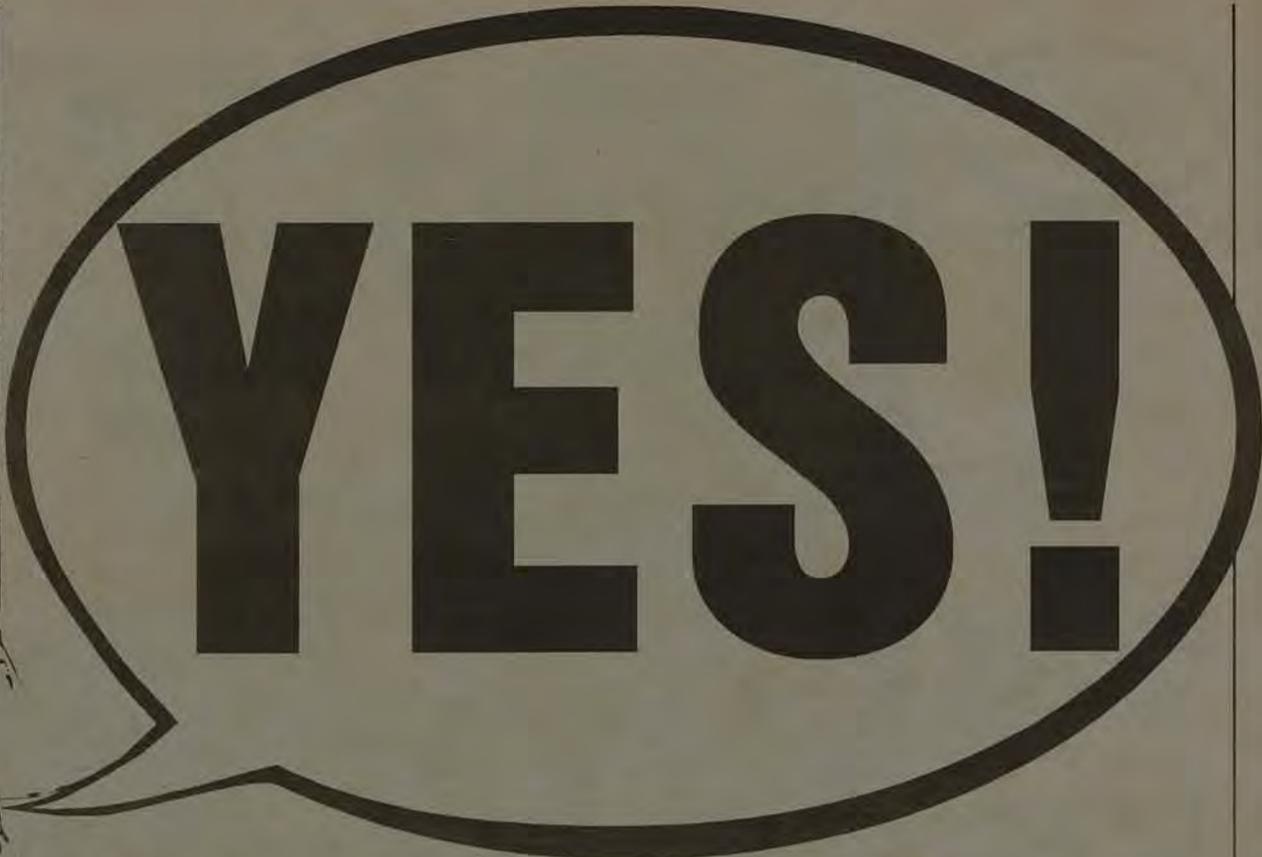
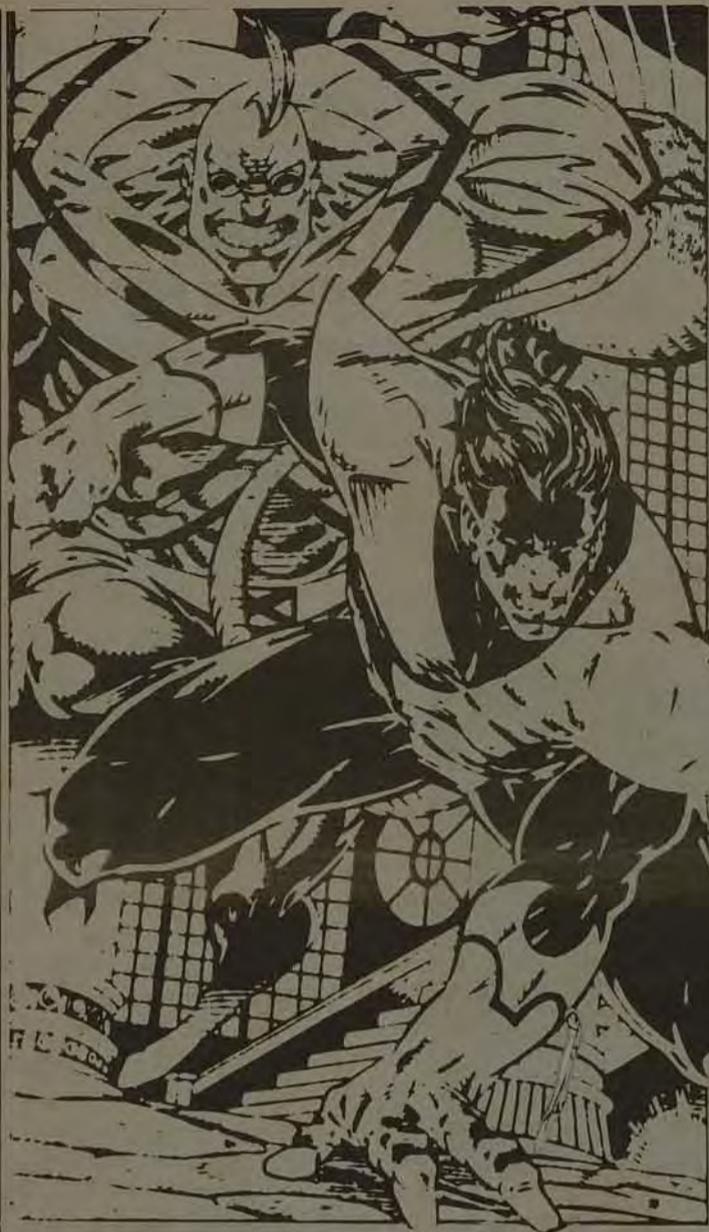
(048)234-4069

Impressão

Diário Catarinense

Distribuição gratuita

Circulação dirigida



Nós temos talento

Brasileiros invadem mercado americano de quadrinhos desenhando clássicos como Homem-Aranha, Hulk e X-Men

Que tal desenhar sua revista preferida, fazer sucesso nos Estados Unidos e ainda por cima viver só disso? Este sonho, até pouco tempo considerado impossível está se tornando real para toda uma geração de desenhistas brasileiros. Alguns dos títulos de maior vendagem da DC e Marvel são hoje desenhados por brasileiros que fazem isso sem sair de casa.

Quem se deu melhor com essa história foi o paulista Rogério Cruz, de 23 anos, que assina Roger Cruz para o mercado americano. Faz qua-

se, que Rogério vem desenhando o X-Men. Para chegar a esse estágio, ele fez um teste para o estúdio Art & Comics, que o mandou para os EUA. A primeira interessada foi a editora Continuity, que incumbiu Rogério de desenhar o gibi *Armor*. Logo depois, a Marvel o chamou para fazer a *Hyperkind*, cujos personagens eram criados pelo escritor inglês Clive Barker.

A partir daí foi uma questão de tempo. Rogério desenhou algumas páginas do *Motoqueiro Fantasma*, depois passou para o *Hulk*, até que chegou ao sonhado trabalho com o X-Men. Agora ele recebe US\$ 30 (salário de iniciante) por cada página que desenha no aconchego de seu lar em São Paulo. Ele recebe os roteiros e faz os desenhos, que depois de prontos são enviados aos EUA pela Art & Comics, que o agencia. O processo é o mesmo para os demais brasileiros que trabalham no mercado americano, todos agenciados pela Art & Comics.

Artista tupiniquim - É assim que Edilbenes Bezerra (pseudônimo: Ed Benes) faz as histórias do *Exterminador*, *GunFire* e *Flash* sem sair de Limoeiro do Norte, interior do Ceará. Em Belém do Pará, Benedito José do Nascimento (ou Joe Benet) desenha *Ravage*, a obra mais recente de Stan Lee. Marcelo cam-

pos, outro brasileiro, está desenhando a *Liga da Justiça*. O paulistano Luciano Queirós (Luke Ross) é quem faz a arte do *Homem-Aranha 2099*. A adaptação para os quadrinhos de *A Rainha dos Condenados*, da escritora americana Anne Rice, foi feita pelo pernambucano Otávio Cariello. Anne queria que Cariello adaptasse também *Entrevista com o Vampiro*, mas como estava sem tempo, ele indicou o amigo Alexandre Gibran. E o atual responsável pela *Mulher Maravilha* é o paraibano Deodato Filho, filho de Deodato Borges, que em 1963 desenhava o *Flama*, super-herói de criação e circulação nacional.

Com essa "invasão", os artistas tupiniquins acabam tendo mais acesso às grandes editoras estrangeiras do que ao sempre ingrato mercado nacional. Pelo menos os desenhistas. Dos brasileiros, os americanos só querem os traços. Argumentos, roteiros e criação de personagens continuam fora do alcance dos artistas da terrinha.

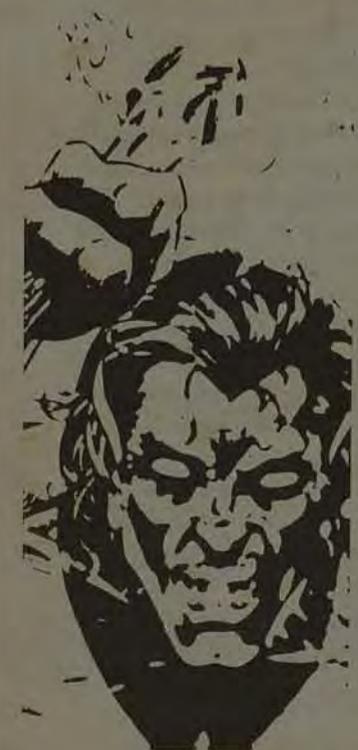
Resta saber como esses quadrinistas poderiam trabalhar no Brasil. Fora a produção *underground*, não existe por aqui um mercado de HQ



O Incrível Hulk foi o último trabalho de Rogério Cruz antes de assumir o traço dos X-Men



FEV 95 - ZERO ZINE



Mutante, por "Roger Cruz"

que não seja o infantil. O trabalho de Rogério Cruz & Cia. só chega ao país como produto estrangeiro, depois de aprovado pelo público americano. Mesmo porque eles só teriam emprego no Brasil se fossem trabalhar na revistinha do Leandro e Leonardo ou coisa desse tipo.

Fábio Bianchini

êêta!



Há 126 anos
Angelo Agostini
publicou a
primeira HQ
brasileira, com o
personagem
caipira
Nhô Quim

Veríssimo lança livro e assina coluna no JB

Desde o dia 8 de dezembro, a sisuda página de opinião do Jornal do Brasil vem recebendo um especial toque de humor. Luis Fernando Veríssimo, um dos mais conceituados escritores do país, assina uma coluna onde deve aparecer de tudo "desde política e crítica, até bobagens em geral", como diz. Dono de uma página na Revista de Domingo, também do JB, Veríssimo resistiu um pouco ao convite. O jornal fica no Rio e ele mora em Porto Alegre.

"É melhor para o cronista viver onde o jornal é produzido, mas na era da TV, do computador e fax, todo mundo é do mesmo lugar. E eu disfarço bem o sotaque", garante. Antes de estrear sua nova coluna, Veríssimo já dava indicações de que a futura primeira-dama Ruth Cardoso seria uma das figuras que mais seria retratada, por ser, em sua opinião, a pessoa mais importante da República. "Ela é quem convive mais intimamente com o presidente, cuida da sua alimentação, do seu descanso e de seu coração. É ela quem nos separa do Marco Maciel. Não descuide, Dona Ruth!, implora." Com vários projetos em mente, ele lança já nos próximos dias o livro América, editado pela Art e Ofícios. O livro contém alguns textos que Veríssimo escreveu durante a cobertura da Copa do Mundo, além de observações antigas e novas sobre os Estados Unidos, onde viveu durante oito anos. Há personagens como o Dunga, representando a "estranha seleção de Parreira, que ganhou a Copa para o Brasil mas deixou o país ressentido", e também muita coisa sobre "a América que eu vivi com o rabo do olho enquanto olhava a Copa".



Quem faz premêro é precursor

O dia 30 de janeiro foi institucionalizado pela Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo como "Dia do Quadrinho Nacional". Mas, afinal de contas, que diabos aconteceu no tal 30 de janeiro? No ano de 1869, precisamente nesse dia, a publicação de *As Aventuras de Nhô Quim*, ou impressões de uma viagem à corte na revista carioca *Vida Fluminense* marcava o início de uma saga que já dura mais de 120 anos. O responsável - um italiano que passou a infância em Paris com a avó - chegara dez anos antes ao Brasil, ainda adolescente, considerado um dos pioneiros da HQ mundial e homenageado pela mesma AQCESP em sua premiação anual, Angelo Agostini dedicou-se à oitava arte até o fim de seus 66 anos. *Ma che?!?* Então quer dizer que os quadrinhos no Brasil surgiram ao mesmo tempo, ou até antes, que em outros países considerados "berços" da HQ? Se é assim, porque será que o quadrinho nacional (salvo raras exceções como Mauricio de Sousa) sofre tanto para se manter de pé

abrindo picadas aqui e ali na verdadeira selva de edições estrangeiras que é o mercado brasileiro? Essa, como dizia o Fofão, é outra história para um ooutro pôr-do-sol. O que nos interessa, por enquanto, é Agostini. Pois então... Corria o ano de 1864 quando, no pasquim paulista *Diabo Coxo*, estreou um jovem artista que começava a criar um estilo que durante anos seria a maior influência no trabalho dos desenhistas nacionais, definindo o chamado "traço brasileiro". No *Diabo* e, mais tarde no *Cabrião* e *O Arlequim* (este já no Rio de Janeiro), as ilustrações de Agostini impressionavam pela riqueza de movimentação e pela sátira mordaz à política do Segundo Reinado. Três anos depois o desenhista muda-se para o Rio e, em 1868, entra na *Vida Fluminense*, onde publica o marco da HQ no Brasil. Em nove episódios semanais, editado na horizontal, *As Aventuras de Nhô Quim* contam as peripécias de um caipira na ex-capital federal. Agostini continuou na revista até 1871, desenvolvendo suas observações sobre

tipos populares como o caixeiro-viajante, o mascate, a mucama alcoviteira e uma série de outras figuras que caracterizavam a sociedade carioca da época. Durante o Segundo Reinado havia uma enorme tolerância com relação à imprensa e a liberdade de criticar o governo. Angelo Agostini soube aproveitar muito bem esse ambiente, defendendo através dos desenhos suas idéias republicanas, anti-clericais, e abolicionistas. Criou um personagem-símbolo do cidadão brasileiro: um índio todo pintoso, no melhor estilo O Guarani, que sempre aparecia carregando os podres do império nas costas ou observando indignado as trapalhadas da corte. Agostini só foi ter sua própria publicação em 1876, quando fundou a *Revista Ilustrada*, onde desenhava mais uma história retomando o tema de *Nhô Quim*: *As Aventuras de Zé Caipora*. A personagem fez tanto sucesso que voltou a ser publicada anos mais tarde no *Dom Quixote* e no *O Malho*. Dirigiu a revista até 1888, quando partiu para a Europa,

depois de "enamorar-se" por Abigail, sua aluna de desenho. Nosso herói era casado e tinha dois filhos. Três agora, contando com a pequena Angelina, que nasceu em Paris. Quando o escândalo esfriou, lá por 1895, Angelo voltou ao Brasil e trabalhou por três anos no jornal *Dom Quixote*. Em 11 de outubro de 1905, juntamente com Luiz Bartolomeu de Souza e Silva fundou *O Tico-Tico*, a publicação infantil mais importante da época. Criou o logotipo da revista, onde um pássaro pousava no meio de um grupo de garotinhas nuas que brincavam por entre as letras. Sábado, 22 de janeiro de 1910. Abalado pela morte do amigo Joaquim Nabuco, cinco dias antes, Angelo Agostini volta para casa após uma reunião com antigos membros da Confederação Abolicionista, castigado pelo sol de verão e pelos anos de trabalho. Durou ainda mais um dia. No domingo, deixava a vida para finalmente para entrar para a história da História em Quadrinhos.

"Não me preocupa tanto os 30 anos dela, mas os séculos de aniversário da direita em todo o mundo"

Quino



Joaquim Salvador Lavado, o Quino, já era um cartunista respeitado na Argentina quando o chamaram para trabalhar em uma campanha publicitária de eletrodomésticos. O pedido era que ele criasse uma série de tiras em quadrinhos, protagonizada por uma típica família de classe média. A campanha acabou não se realizando, e Quino arquivou o material. Meses depois, em setembro de 1964, aquelas tirinhas saíram da gaveta para serem publicadas no *Primera Plana*, o mais importante periódico argentino da época. Nascia *Mafalda*, a menina contestadora que iria cativar milhares de leitores em todo o mundo e chegar aos trinta anos de existência como assunto para discussão entre intelectuais. *Mafalda* não é apenas uma criança encurralando os pais com perguntas. Quando diz que a tevê é uma ameaça e avalia os sonhos de consumo de seus amigos e pais, ela argumenta com seriedade, preocupada com o futuro das pessoas e do planeta. *Mafalda* recusa o mundo como ele é, odeia sopa e permanece alerta para não pensar e nem se portar como

adulto. Não acredita em governos, lê jornais e ouve rádio para tentar entender o mundo, e se mantém insatisfeita. Todos os "porquês" de *Mafalda* fizeram dela um sucesso entre os contestadores do final dos anos 60 e início dos 70. Um ponto a mais no charme da *enfant terrible* (como foi apelidada na França) era o fato de ela ter sido criada na Argentina, distante das grandes fontes da indústria cultural. Ela era especial, pois tinha bagagem para discutir assuntos que já estavam queriam pela cabeça de Charlie Brown. Não foi difícil para *Mafalda* conquistar o mundo. Com meio ano de publicação, a tirinha já saía nos principais jornais argentinos. Em 1966, o primeiro álbum de tiras se esgotou em 12 dias. Era o início do boom de *Mafalda*. A primeira tradução aconteceu em 1968, para o italiano. No prefácio do álbum *Mafalda la Contestaria*, o intelectual Umberto Eco avisava: "já que nossos filhos vão se tornar, por escolha nossa, outras tantas *Mafaldas*, será prudente tratarmos *Mafalda* com o respeito que merece um personagem real". Em

seguida, foi a vez de Espanha e Portugal. A ditadura franquista impôs à primeira edição do álbum espanhol a tarja "somente para adultos". *Mafalda* tocava em questões que não eram coisa de criança. Depois da Europa, álbuns e tiras em jornal foram publicados até no Japão e na Austrália. Em Israel, *Mafalda* falava em hebraico. O Brasil, apesar de ser vizinho da Argentina, só foi ter o primeiro álbum em 1981. Enquanto *Mafalda* passeava pelo mundo, em Buenos Aires eram produzidos desenhos animados e o marketing da personagem era expandido para as capas de cadernos e cartazes. **Mafaldófilos** - Apesar do sucesso da menina inquieta, Quino resolveu matar a galinha dos ovos de ouro. Em julho de 1973, ele anunciou que, "pelo menos por enquanto", não retomaria a personagem. Voltou a fazer *Mafalda* uma única vez, a pedido da Unicef, para ilustrar a "Declaração dos Direitos da Criança", lançada em 1978. As entrevistas de Quino revelam que ele nunca foi entusiasmado pela menina que odiava sopa. Ele já repetiu várias vezes que, entre

os personagens que criou, *Mafalda* era a que menos lhe agradava. "Essa menina que falava de paz mundial e das Nações Unidas foi concebida de uma maneira muito artificial. Ela nasceu como garota-propaganda de eletrodomésticos. Acho que os outros personagens são mais espontâneos e mais reais", avalia. Em abril passado, um grupo de intelectuais europeus se reuniu com Quino, em Milão, para celebrar os 30 anos da *Contestaria*. Liderados por Umberto Eco, os semiólogos analisaram o caráter de *Mafalda* e o que ela estaria pensando do mundo hoje. "Mafalda se fez popular entre nós", explicou Eco, "porque suas posições diante da vida são européias. Enquanto Charlie Brown lia Freud, *Mafalda* certamente lia Che Guevara". Quino evita discutir com os mafaldófilos sobre a importância da personagem. No encontro em Milão, ele deu uma de *Mafalda*: "não me preocupa tanto o 30 aniversário dela, mas os séculos de aniversário da direita em todo o mundo".

Lúcifer lança sangue novo no mercado

Chegou às bancas, no final de novembro, a edição número um da revista *Lúcifer*. O lançamento é mais uma tentativa de reaquecer o quadrinho nacional. A bolação é de Toninho Mendes e sua editora Circo, responsável pelos títulos *Geraldão*, *Chiclete com Banana*, *Piratas do Tietê* e *Striptiras*. A edição traz, em capa colorida e miolo preto-e-branco em papel off-set, quadrinistas que já andaram publicando - mas também com a pretensão de lançar gente nova. *Lúcifer* abre com uma HQ de Pavanelli, ilustrador da *Folha de S. Paulo*. Há também trabalhos de Maringoni (do *Estadão*), André Toral, Mosquil, Carlos Matuck, Franco de Rosa, José Doval e Lourenço Mutarelli, premiado como a revelação da *Bienal de HQs* em 1991. Ainda dá para achar a *Lúcifer*, por R\$ 5,00.

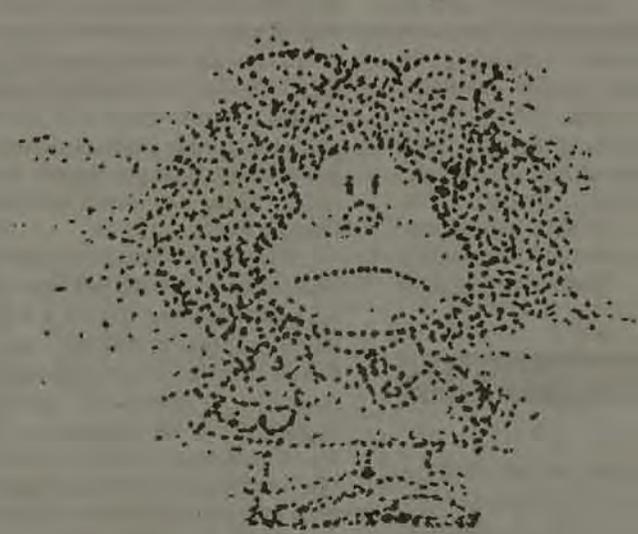
Textos Zé Dasilva

FEV 95 - ZERO ZINE

mafalda

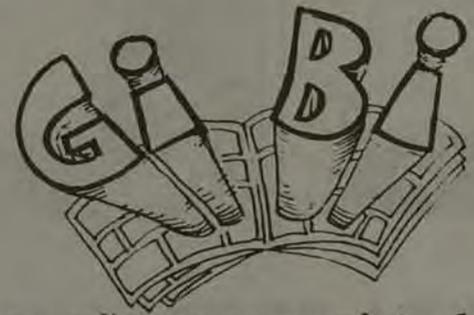
Intelectuais europeus fazem festinha para comemorar os 30 anos da personagem mais famosa da América Latina

AS VEZES MÉS NÃO SE SENTEM UM TANTO INDEFINIDOS?



aventura!

UMA HISTÓRIA QUE AINDA NÃO ESTÁ NO



SHAZAM!



Nova Sampa traz de volta Capitão Marvel

A Nova Sampa Diretriz Editora está trazendo de volta ao Brasil as aventuras do Capitão Marvel. As histórias são originais dos anos 40, onde o Capitão Marvel é imbatível, teimoso e até mesmo ingênuo. A revista foi relançada com o nome de Shazam!, provavelmente para não criar confusão com o nome da editora norte-americana Marvel. A revista faz parte da coleção Invetus e está sendo vendida por R\$ 1,95. Impressa em papel jornal com desenhos em preto e branco não muito sofisticados, contém várias histórias, não só do Capitão Marvel, mas também de toda a extensa família Marvel. A capa é colorida e em papel couchê. A edição conta ainda com um prefácio de René Ferri que narra a história do Capitão Marvel desde 1939, ano de sua criação.
Jefferson Dalmoro

Quadrinistas de Santa Catarina esperam em vão por patrocínio de editoras

Florianópolis não tem mercado de trabalho para os artistas dos quadrinhos. As editoras estão nos grandes centros e não existem patrocinadores que aceitem bancar uma publicação. Com tantas dificuldades seria fácil desistir de desenhar. Mas os heróis daqui fazem bem mais do que os super-heróis dos quadrinhos. Enquanto esperam uma oportunidade de publicar algo ou de ir atrás das editoras, eles trabalham, desenhando para publicações alternativas e estudam. O que eles não fazem é perder tempo.

Um desses corajosos é Zé Dassilva, de 21 anos, que também escreve para este jornal, não por acaso. Zé se formou no Curso de Jornalismo e, depois de adotar um pseudônimo, por achar o nome José da Silva Jr. "comum demais", se tornou mais um catarinense com muitos trabalhos debaixo do braço e com sonho de "viver das histórias que cria". "O problema é não ter onde publicá-las" reclama Zé, que tem uma galeria de personagens inéditos, aguardando a hora de visitar as bancas.

Zé ainda está na dúvida entre seguir a carreira de jornalista ou só desenhar. A faculdade lhe rendeu uma intimidade com o texto e esse pode ser um mercado mais garantido aqui. Enquanto não decide, ele segue escrevendo e, quando surge uma oportunidade, publica seus desenhos. Zé diz ter influências de quadrinistas como Laerte, Fernando Gonsales, Miguelanxo Prado e Will Eisner. Ele também ilustra a revista *Inside*, ex-chargista do jornal *O Estado*, faz trabalhos para o *Zero* e trabalha como *free-lancer* para a imprensa sindical, além de publicidade. Está publicando seus quadrinhos no jornal/revista/fanzine *Futio*.

Migração - Para Zé, não há alternativa: o pessoal tem que sair para fazer sucesso. E o lugar é São Paulo: "lá estão as editoras", mas o Rio de Janeiro também tem algum mercado. O desenhista gaúcho Kipper, que já foi chargista do *Diário Catarinense - DC*, por exemplo, juntou suas histórias e personagens e foi para São Paulo. Hoje ele manda desenhos para as editoras dos Estados Unidos e recebe sem sair do país. Seu último trabalho para a indústria norte-americana foi a biografia de Jim Morrison,



Confira o traço de Zé Dassilva e Michelson Borges (acima), e Luís Mendes (ao lado), que se auto-retratam especialmente para o *Zero Zine*

vocalista e líder da banda The Doors.

Luís Mendes é outro super-herói da Ilha. Luís tem 28 anos, é ilustrador do *DC* e faz cartuns para a revista *Empreendedor*. Luís aprendeu a desenhar com Clóvis Geyer, chargista do *DC*, e observando outros desenhistas. Além de Geyer, foi influenciado por Kiko Novaes, mas como ele mesmo diz, está "personalizando o traço" e tentando seguir os estilos de Dave McKean e Kent Williams. Quanto à publicação de seus trabalhos, desaba: "É triste, mas não existe mercado de trabalho em Santa Catarina" e acrescenta que "largaria tudo para viver dos quadrinhos" e ser conhecido por suas criações.

Luís Mendes está usando seus super-poderes para conciliar trabalho e um curso supletivo, tudo isso para tentar cursar arquitetura. Ele diz que escolheu este curso porque vai ajudá-lo a aperfeiçoar seu traço e a encontrar novos ângulos e sombras no desenho.

Fé nos quadrinhos - Mas existem os que usam o talento e amor aos quadrinhos em trabalhos alternativos e aproveitam para divulgar suas idéias. Um exemplo é Michelson Borges, 22 anos, que também cursa Jornalismo na UFSC. Michelson, que cita Deodato Borges Filho e John Byrne como suas influências junto com vários desenhistas das editoras DC e Marvel. Ele faz parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Há pouco tempo, escreveu e ilustrou uma HQ para adultos pregando religião. Agora está trabalhando em um similar para crianças, que será distribuído pela Igreja.

Michelson ilustrou o primeiro RPG (jogo onde cada pessoa representa um personagem) catarinense, que também foi um dos primeiros do Brasil. Depois de se formar, Michelson tem emprego garantido na Casa Publicadora Brasileira, editora Adventista que também publica livros e revistas com mensagens para crianças e adultos. Como o próprio desenhista acentua, a finalidade de seu trabalho é "tornar a Bíblia e a religiosidade mais acessíveis à juventude".

ZERO ZINE - FEV 95

Onde encontrar: Nova Sampa Diretriz Editora Ltda; Av. Senador Casemiro da Rocha, 464 Cep: 04047-000 São Paulo Fone/Fax: (011) 579-7197

Katiuscia Zanatta

A FORÇA

agá-tchê!

DO TRAÇO EM PORTO ALEGRE

FEV 95 - ZERO ZINE

O III Salão Internacional de Desenho de Imprensa reuniu mais de cem trabalhos brasileiros, uruguaios e argentinos

História em quadrinhos foi a categoria que mais teve trabalhos selecionados para a final do III Salão Internacional de Desenho de Imprensa, promovido pelos Grafistas Associados do Rio Grande do Sul (Grafar) e a Secretaria de Cultura de Porto Alegre. Os cinco premiados, escolhidos entre os mais de cem trabalhos inscritos por desenhistas brasileiros, argentinos e uruguaios, foram anunciados no dia da inauguração da exposição no saguão da Usina do Gasômetro, 15 de dezembro. Depois do encerramento, previsto para 30 de janeiro, o Curso de Jornalismo da UFSC pretende trazê-la para Florianópolis.

A idéia do primeiro Salão surgiu durante um debate sobre histórias em quadrinhos, com palestras de Joaquim Tonseca, Edgar Vasques, Goida e Santiago. Neste ano, subiu a premiação para cada categoria - de US\$ 200 para R\$ 1.000 - e o nível do júri, formado por Jaguar, Luiz Fernando Veríssimo, Angeli, os irmãos Chico e Paulo Caruso (que se apresentaram com sua banda no dia da premiação) e Margarete Moraes, representante da Secretaria Municipal de Cultura.

Na categoria Cartum, venceu Eduardo Ferreira Grosso, de Piracicaba (SP). A melhor charge foi do argentino Sabat Hermenegildo. *Mandrillos Sphinx*, do brasileiro Carlos César Leal Xavier, venceu entre as histórias em quadrinhos. O prêmio na categoria Ilustração ficou com o "dono da casa" Eduardo Reis de Oliveira, do jornal Zero Hora. A

melhor caricatura foi Michael Jackson, do também porto-alegrense Ricardo Botega.

Retorno - O artista homenageado nesta edição foi João Baptista Mottini (1923-1990). Gaúcho de Santana do Livramento, ele começou aos 15 anos como ilustrador da Editora Globo de Porto Alegre. Ao mesmo tempo em que participava de obras didáticas e livros infanto-juvenis, como *Os três mosque-teiros* e *As aventuras de Gulliver*, dedicava-se à pintura. Em 1946, foi para Buenos Aires, onde colaborou com as principais revistas do período áureo dos quadrinhos argentinos. Suas séries *Aurélio*, *El Audaz* e *Las aventuras de Bordon* tornaram-se conhecidas em todo o país.

Em Porto Alegre, em 1952, Mottini foi um dos fundadores da Cooperativa Editora de Trabalhos e tornou-se célebre com a série *Os crimes que abalam Rio Grande*, publicada pelo jornal Última Hora. Nos últimos anos de vida dedicou-se à publicidade, recebendo o prêmio Salão da Propaganda Gaúcha em 1980 e 1984.

Maurício Oliveira



Entre os selecionados do III salão, a charge cáustica do pintor Iberê Camargo por André Lieban, dois cartuns (esquerda e centro) do veterano Ronaldo Cunha Dias e o talento emergente de Moacir Guterres, Moa, da edição anterior.

Roteiro da HQ em Florianópolis

Florianópolis está mal servida de lojas especializadas em quadrinhos. Uma pesquisa feita na cidade sobre opções das bancas e livrarias mostrou que o acervo de HQs na ilha deixa a desejar, se comparado ao que o mercado pode oferecer. Somente em poucas lojas é possível encontrar variedade e qualidade.

A livraria Ex-Libris, no Beiramar Shopping, é a que oferece o melhor estoque de histórias em quadrinhos. Lá, o leitor encontra a série-saga da editora portuguesa Meribérica Líder, que ilustra histórias da Idade Média e compõe verdadeiras obras de arte. Um exemplar da série, que tem o tamanho de um caderno universitário, custa R\$ 25,00. Bem mais em conta, uma HQ de Moebius está custando R\$ 8,45. A livraria vende também exemplares do autor Enki Bilal.

Os mais procurados são os brasileiros *Piratas do Tietê* (R\$ 16,00), *Chiclete com Banana* (R\$ 16,00) e *Los Tres Amigos* (R\$ 10,00). Mas atualmente o gibi mais vendido em Florianópolis é *Sandman*. Clássicos como *Steve Canyon*,

Mandrake, *Flash Gordon* e *Dick Tracy*, todos a R\$ 6,35, também têm boa vendagem. As novidades para os aficionados são as revistas espanholas *Zona 84* e *Cimoc* e a edição espanhola da francesa *Metal Hurlant*. *Zona 84* é composta por vários autores de diferentes linhas, mas as vendas da revista são baixas. A falecida *Metal Hurlant* (ver texto nesta edição) tinha uma excelente equipe, vale a pena garimpá-la nos sebos.

Locação - As eróticas são outra boa opção: *Little Ego* de Rotundo e *Valentina*, de Guido Crepax, custam respectivamente R\$ 8,45 e R\$ 8,00. A novidade da Ex-Libris é o sistema "Hot Line". Basta você preencher um cadastro e pedir qualquer número das revistas distribuídas pela editora Devir que no máximo em 20 dias você recebe os exemplares requisitados.

A Banca Central é a mais antiga em atividade e tem quadrinhos importados da Marvel e DC Comics por R\$ 1,50. Outras publicações, nacionais ou importadas, em formato maior e papel nobre, também podem ser encontradas. Além das HQs tradicionais, a banca da rua Tiradentes, no centro,

vende e compra histórias em quadrinhos usada. As revistas menores custam R\$ 0,50 e as maiores, R\$ 1,50 - os títulos são variados.

Na banca de revistas Ilhabel, na rua Anita Garibaldi, podem ser encontrados os importados *Ellery Queen*, *Asimov's*, *Heavy Metal* e *Mad* e os quadrinhos da coleção L & PM, que traz títulos como *Hagar*, *o Horrível*, *Nick Holmes* (de Alex Raymond), *Spirit* (de Will Eisner), *Billie Holiday - a Dama Negra do Jazz* (do argentino Muñoz Sampaio) e *Valentina* e *Anita*.

Outra alternativa é a Livraria Catarinense, que oferece toda a coleção da L & PM, além do *Diário de um Mago* em quadrinhos, de Paulo Coelho, por R\$ 7,00 (Deodoro, 225). Na Papa-Livro, o acervo de HQs é pequeno. A livraria aluga clássicos ilustrados de Edgar Allan Poe, Charles Dickens e Herman Melville, cobrando cadastro de R\$ 20,00 e mensalidade de R\$ 10,00 (Ceisa Center, bloco B).

Daniela Cunha

cabezón!

SIEMPRE CABE MÁS UNO

Angeli, Laerte e Glauco lançam livro novo
de Los Três Amigos e apresentam o "quarto amigo"
para a sociedade paulistana

Som ambiente: salsa.
Margarita de birita.
Guacamoles pra apimentar.
Quer más? Vá pro México.
Ou então assumo o seu lado

junkie e dê as mãos pros Três Amigos. Más sexo, más drogas y más guacamoles é com eles.

O segundo livro de Angeli, Laerte e Glauco pede tudo "demás". O lançamento, em novembro, na Paulicéia Desvairada, foi mui típico. O cenário mexicano foi montado na Escola Panamericana de Arte, no bairro Jardins, por onde anda a fina flor paulistana. Depois de uma hora e meia de atraso los três amigos adentraram ao recinto embalados pelos mariachis. Três tocadores de violas deram o ritmo da noite caliente. O coquetel foi regado a tequila e aquela pasta verde de abacate - a tão conhecida guacamole. Blerc.

Los amigos foram de copo em copo autografando centenas de livros. A galerinha delirou com a dedicação gráfica dos ídolos. É que eles não se contentam em mandar beijinhos e assinar o nome. Esqueceu que eles são artistas da pesada? E melhor: super animados com os fanzocas. Rabiscam a primeira página do livro com os personagens mais sarcásticos. Isso quando não inventam na hora um novo Miguelito. Isso depende da cara do dono do livreto.

Só que desta vez a obra-prima não passava pela mão de três, mas de quatro. Adão Iturrusgarai, o mais novo amigo, chegou para formar o quarteto. Neste dia ele debutou oficialmente. Completou a mesa "florida de cabeças feitas". Los matadores de miguelitos são, no fundo, bonzinhos, simpáticos e brilhantes.

Los quatro amigos declarados fizeram a festa. De vez em quando um mostrava pro outro o que tinha acabado de criar na mesa de autógrafos. Além dos livros, os pupilos entraram na fila com a coletânea do anterior, os antigos Chiclete com Banana, agendas e folhas amassadas. Tudo valia de recordação. Na hora que Paulo Caruso e Kid Vinil, com seus livros debaixo do braço, se aproximaram, roubaram 30 minutos de atenção e as mais interessantes dedicatórias.

Please. Dá um time pra eu dar uma bicada na tequila. Ahh!!! Mais limão, mais sal. Que calor de loco!



"Más sexo, más drogas y más guacamoles" em Marisales

Se Los Três Amigos fosse passar na telinha da TV acho que eles correriam o risco de ser censurados. Como os escrotinhos Beavis and Butthead, que ficaram por um tempo fora do ar na MTV.

Gracias que os heróismachistas-mexicanos ainda não entraram pra era eletrônica. Numa dessa eles pulam direto pro CD-ROM. Quem sabe?

Mas, por enquanto, estão mantendo a saudosa fase literária.

Lendo o segundo livro fui direto ver quem era o homenageado dessa edição. "El terrible Jaguar, que além de deixar su marca de sangre, pólvora y terror por todo sertón de Marisales, el inferno limpô el 'palo' na cortina". Pode?

E a polêmica do quarto amigo também pinta nessa coletânea. Uma das histórias, 'El Cuarto', faz uma paródia. Glauquito, Laertón e Angel Villa abrem um concurso para a escolha desse camarada. Os inscritos são: Gerald Thomas, Jó Soares, Sharon Stone, Caetano e Gil. Os únicos que tiram um sarro dos mexicanos são os músicos, que obrigaram los três amigos a vestir parêo. Como dizem os garotos papo-macho: viraram maricóns. Politicamente incorreto, mas engraçado.

Vários personagens novos e repetidos aparecem nesse livro. Piter Coyote é um aliado para zombar dos miguelitos.

Don José Cuervo, arcebispo de Marisales, tem um ninho de freirinhas-passarinho enclausuradas por baixo da batina. E é louquinho por uma pinga. Outro muito doido é o Vierro de La Lata. A barba dele tapa a historinha da Mônica tatuada na barriga. Ovelho é conhecido também por não passar a bola. E o pior é que nunca ninguém descobriu onde fica a sua plantação de marijuana. Que peninha!

As hermanas gigantes e siamesas, Concha y Toro, acho que são as mais sem sal. Na real os nossos amigos não conseguem

fazer as mulheres brilharem. As que aparecem, até sem importância numa história, são deformadas pelas maravilhosas mãos radicais dos chargistas. Até a gata Sharon Stone é massacrada. As mulheres para Los Três são solamente fêmeas, no más.

Dá para ficar puta, mas tudo bem, eles são adoráveis.

Katia Klock

Jornalista, repórter da TV Bandeirantes-SP.
Participou do primeiro ZERO-ZINE.

ZERO ZINE - FEV 95

Ai caramba!!! el Matador está chegando

O quadrinista Angeli investe na fama de "assasino" e lança este ano uma publicação que promete detonar. Matador vai ter uma equipe de produção, cor em todas as páginas e papel de luxo. A revista deve ser lançada pela Circo Editorial, que publicava Chiclete com Banana, e não terá apenas quadrinhos. "Vou fazer um joguinho de xadrez com textos, fotos, fotonovelas e sacadas em geral", avisa Angeli. Matador pretende ser uma versão aperfeiçoada da Chiclete, que foi um grande sucesso editorial, chegando a uma tiragem de 110 mil exemplares. "Com mais infra e muitos colaboradores", acrescenta o quadrinista. Adão Iturrusgarai, criador dos cowboys gays Rocky e Hudson, deve assumir o cargo de diretor assistente.
Ulysses Dutra Neto



¡¡mira, mira, el cuarto amigo!!

tô fora!

25 anos à

março da

Criador da personagem-símbolo da miséria nacional, Edgar Vasques é boicotado pelos principais jornais do país

Houve um tempo na imprensa brasileira, na década de 70, em que Edgar Vasques tinha no sul do país o trabalho mais radical sobre a situação brasileira na área de quadrinhos. Pioneiro na criação de personagens que tratam da miséria e da fome no Brasil, o gaúcho de 44 anos completou no ano passado 25 anos de carreira e 20 anos de *Rango*, o personagem mais antigo da imprensa brasileira. Para comemorar, editou pela LPM seu primeiro livro solo, *Caras Pintadas*, uma retrospectiva de seu trabalho de caricaturas.

Edgar se formou em arquitetura mas nunca exerceu a profissão. O interesse por quadrinhos surgiu em 1970, ainda na faculdade publicou pela primeira vez *Rango*, na revista *Grilus*. *Rango* continua desde aquela época, sendo um retrato nu e cru do povão, "nadando sempre contra a corrente", como Vasques definiu seu personagem. A acidez de *Rango* provocou boicote dos grandes da mídia e hoje até mesmo no Rio Grande do Sul, dificilmente as tiras são publicadas. "Eles continuam nos ignorando olímpicamente. O poder político é tão grande que, se a notícia não aparecer no *Zero Hora*, não aconteceu", diz Edgar, que não vê possibilidade dessa situação mudar. *Rango* já foi publicado no México e em Paris. "Uma leve carreirinha internacional". Atualmente, as tiras de *Rango* são distribuídas pela *Pacatatu* do Rio de Janeiro. Os jornais que publicam as tiras são: *O Povo* de Fortaleza, *Diário de Pernambuco*, *Folha de Londrina* e *Diário de Bauru*.

Rango foi adotado como símbolo da campanha contra a fome em Porto Alegre, quando ninguém se preocupava com o assunto. Edgar

acredita que Betinho sabe que filantropia não resolve o problema, mas a campanha serve para colocar a questão na boca das pessoas. "Chegou-se a falar nisso a nível nacional, mas eu não me articulei para propor *Rango* como símbolo de porra nenhuma, mas se quiserem o personagem, ele está à disposição", comenta Edgar, que ganhou dois prêmios ARI (Associação Riograndense de Imprensa) de cartum, um de charge e outro de ilustração no Salão Internacional de Desenho de Imprensa de Porto Alegre. Atualmente, Edgar divide seu tempo de cartunista com a criação de arte na assessoria de comunicação social da prefeitura de Porto Alegre.

Em 1991, Santiago, outro desenhista amigo de Edgar, teve um dos seus personagens, o *Macanudo Taurino* (típico gaúcho), comprado pelo jornal *Zero Hora*. Só que o jornal publicou a tira do personagem apenas uma vez, sem cumprir o contrato. Para Edgar, "a sociedade gaúcha já discute bem mais o papel desta imprensa, especialmente quando ela se diz imparcial e ao mesmo tempo promove um candidato". Esta mesma imprensa boicotou *Rango*, que chegou a sumir algumas vezes do jornal, não por proibição da ditadura, mas por ser um personagem marginal. O único choque direto com os militares foi em 1977. Ano em que *Asquim* foi recolhido de todas as bancas do país.

Em uma tira, durante a semana da Pátria, *Rango* fazia alusão ao modo como os militares se apossavam dos símbolos nacionais. Ele respondia a outro personagem dizendo que estava amarelado de icterícia, azulado de anemia e esverdeado de fome. Edgar teve que responder inquérito na Polícia Federal junto com Jaguar, editor do



jornal. No final, quando o processo chegou à justiça, os juizes civil e militar acabaram achando que não valia a pena encrespar e que "era tudo bobagem".

Trabalhando no extinto jornal *Folha da Manhã*, Edgar e Fraga, seu companheiro e humorista de texto, propuseram para a direção do jornal a seção *Quadrão*. Eles achavam que havia muita gente que fazia cartuns e quadrinhos em Porto Alegre, mas não tinha lugar para publicar. A direção do jornal concordou e o *Quadrão*, que começou a ser editado com apenas uma página, terminou em quatro. Durante três anos, entre 73 e 75, foi publicado todos os sábados e depois repetido no *Coojornal*. A seção recebia trabalhos de cartunistas como Santiago e Schroeder, que trabalham hoje no *Correio do Povo*.

Sabendo que o cartum é a arte mais premiada no Rio Grande do Sul e que era necessário dar um

mínimo de institucionalidade para todos os artistas, Edgar e o cartunista veteranos criaram em 1988 a *Grafar* (Grafistas Associação dos do Rio Grande do Sul), que tem nomes hoje conhecidos nacionalmente como Adão Iturusgarai, Iotti e Moa. Edgar vê a *Grafar* como uma associação "totalmente anárquica, sem carteirinha e sem mensalidades, mas que transmite novos conhecimentos para a nova geração". No dia 14 de dezembro a *Grafar* promoveu a terceira edição do Salão Internacional de Desenho de Imprensa (ver texto nesta edição). O evento surgiu de vários cursos de desenho e roteiro que a Associação já realizou. A *Grafar* promove reuniões todas as quintas no Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre.

Lúcio Lambranco

FEV 95 - ZERO ZINE

i m p r e s s a





Gibizón Radicci

HQ de bombacha é moda entre gaúchos

Muito além dos grandes centros e das principais editoras, o quadrinho nacional faz sucesso. Em Caxias do Sul, no interior do Rio Grande do Sul, o personagem *Radicci* é moda na cidade. O responsável pela obra é Carlos Henrique Iotti, 30 anos, caxiense, quadrinista e músico.

A âncora do sucesso de Iotti é a revista *Gibizón do Radicci*, lançada em fevereiro deste ano, em edições bimestrais. A capa é colorida, papel couchê e o miolo completa as 40 páginas em preto e branco. Com colaboradores como Santiago e Veríssimo, a revista saltou dos 3 mil exemplares iniciais para os 10 mil, no número 4, publicado em outubro.

O *Gibizón* traz coletâneas de tiras já publicadas em jornais junto com histórias curtas e inéditas. Além do *Radicci*, a revista apresenta outros personagens criados por Iotti. Um caso é a dupla *Federido e Fellini*. Federico é um menino que atormenta

a vida de Fellini, o gato. Iotti também já produziu a HQ de uma guerra de mídia entre Deus e o Diabo, publicada em formato de livrinho.

O personagem principal, *Radicci*, tem sua aceitação impulsionada pela identificação com o gaúcho de origem italiana. *Radicci* aprecia chimarrão, usa chapéu, lenço no pescoço e possui uma barba picada e um bigodão. Além dos leitores usuais de quadrinhos, o personagem alcança gente de todas as idades

— no extinto jornal caxiense *Folha de Hoje*, Iotti publicava um suplemento infantil, inclusive com uma página do *Radicci* para pintar.

Loja do Radicci — A revista, mantida pelos anúncios, mostra o *Radicci* sempre como garoto-propaganda. Há também uma loja, a “*Radicci Club*”, que vende avental de churrasco, cami-

setas, bonés, abrigos, cuecas, adesivos e até cofrinhos com a estampa do personagem. Em Caxias, na capital e no interior, onde o *Gibizón* circula, *Radicci* é um bem-sucedido personagem de HQ regionalista.

O criador de *Radicci* não acredita que este sucesso se restrinja aos locais e a obra provoca identificação com o leitor. “Histórias desse tipo possuem tema universal e são inteligíveis em qualquer parte”. Como exemplo, ele cita os caubóis e o hollywoodiano Crocodilo Dundee, “o *Radicci* da Austrália”, na visão de Iotti.

Na formação do desenhista caxiense Iotti não constam os considerados “grandes quadrinistas internacionais”. Ele lembra de ter sofrido influências do trabalho de Angeli, dos quadrinistas gaúchos das décadas de 70 e 80, e do

uruguaio Tabaré. Todos publicados em preto-e-branco e com personagens cômicos, propícios ao espaço da HQ brasileira.

Radicci consegue ser um personagem multimídia. Além dos quadrinhos, uma banda foi formada em Caxias inspirada no personagem. É o “Conjunto Produtivo da Sociedade Caxiense”, onde o vocalista é o próprio Iotti. O quadrinista faz as letras das músicas e as interpreta com o sotaque de *Radicci*, típico do local: *gurrizada, rivista, botemo, gibizon*. A banda foi citada na revista *Bizz* e tem alguns hits nas FM’s de Porto Alegre, como *Me perdoe Genoveva* e *Chá de Cogu*.

Casado, pai de um filho “com dois anos de idade e 38 graus de febre”, Iotti conquistou o mercado do gaúcho com um personagem regional. E, mais: com uma editora própria, independente das grandes editoras que insistem em não apostar na HQ nacional.

Zé Dassilva

Paulo Vasconcelos/IE



Arco-íris de Caruso retrata o picadeiro

Os políticos nunca conseguem escapar das mãos dos cartunistas. Uma prova são os políticos brasileiros, que têm agora suas “peripécias” reunidas no livro *O Circo do Poder*, do cartunista Paulo Caruso. São 60 charges, publicadas durante 1994 na revista *Istoé*, que retratam os acontecimentos políticos do ano. O livro é o sexto da série *Avenida Brasil*. Já foram lançados os livros *branco, vermelho, amarelo, azul e verde*. O último é roxo e completa o arco-íris das obras do cartunista. O lançamento foi em dezembro no *Circo Escolar Picadeiro*, com a presença do também cartunista Chico Caruso, irmão gêmeo e parceiro de Paulo.

Daniela Cunha





povaréu!



Extremamente regional – e extremamente universal, a um só tempo. Esta rara capacidade de travar contato e empatia imediatas com variados tipos de leitores, através de um grafismo de linhas claras, sofisticadamente simples, pode ser novamente constatada no álbum *Povaréu*. Nas 28 páginas da obra, lançada há pouco pela L&PM Editores, de Porto Alegre, Neltair Rebés Abreu, o *Santiago* apresenta ao público uma coletânea especial. Ou melhor, com uma de suas especialidades: os grandes painéis, lotados de gente e de humanidade. São 13 panorâmicas, desenhos onde consegue dar plena individualidade a cada membro da multidão.

Com uma apurada capacidade de observação, a serviço do humor, do lirismo, da crítica social e até do insólito, o gaúcho Santiago retrata nas 13 pranchas que compõem *Povaréu* uma síntese do ser humano e suas principais necessidades, motivações, alegrias e problemas. O cenário pode variar do rural (cenas da vida campeira, um boteco de gaúchos) ao caótico centro de uma grande cidade, ou ao falso chique de um restaurante caro. O que não muda é a abundância de detalhes, a visão minimalista que a todos os elementos retratados confere importância.

Em Santiago, o absurdo e o inusitado convivem - mais ou menos pacificamente - com a normalidade aparente das coisas. O teso, a raiva, a ostentação, a amizade, a briga e o ódio - tudo isso e muito mais, filtrados pelo humor e o amor aos personagens, tornam essas panorâmicas atraentes. É preciso atenção, e uma segunda - ou mesmo terceira - leitura para sacar todas as armadilhas que o desenhista armou. Aí então você vai notar uma inesperada transa de cachorros através de uma árvore. Ou um autêntico extra-terres-

O humor regional e universal de SANTIAGO

tre despercebido na multidão apressada. Ou a personagem Mafalda (do cartunista argentino Quino) entre as crianças no pátio da escola. Ou ainda um indefectível punquista que, com arte certa (inexistente nos atuais assaltantes e trombadões), pinça a carteira no bolso da vítima, enquanto olha inocentemente para o lado.

Seu desenho é registro de nosso tempo e de suas mudanças, e é também invenção. E não raro - como em outros criadores visuais (Hitchcock, por exemplo) - podemos encontrar o próprio Santiago auto-retratado em algum canto de suas pranchas. Nota-se que a seleção e edição destas pa-

norâmicas (de várias épocas da carreira do artista) busca pegar carona no sucesso mundial, e brasileiro, da série *Onde está Wally?* Também nas pranchas criadas pelo americano Martin Handford encontram-se multidões, nos mais variados cenários e atividades. E, no meio delas, difícil de ser localizado, embora a camisa listrada e o gorro na cabeça, o protagonista Wally.

Atento ao apelo potencial que seu trabalho tem junto às crianças (apesar de nunca ter editado nada especialmente para elas, ao que parece), Santiago avisa, na capa de *Povaréu*: "Não é proibido colorir, pintar, bordar, nem procurar o cachorrinho." Nas páginas

finais do livro (um dos campeões de vendagem da 40 Feira do Livro de Porto Alegre, entre outubro e novembro de 94), fichas de leitura desafiam o público a encontrar este ou aquele bonequinho nos desenhos - exatamente como acontece na série *Wally*. Só que, no caso de Santiago, o chavão é perfeitamente cabível e verdadeiro: trata-se de diversão qualificada - com uma pitada de reflexão crítica - para leitores de todas as idades. Mesmo.

José Antônio Silva

Jornalista e escritor, autor de *Tiques e Taques* (poemas, Editora Klaxon, São Paulo, 1983), *A Impressão da Cultura* (ensaios jornalísticos, Editora Sulina, Porto Alegre, 1990) e *Lá Vem o Que Passou* (poemas, Secretaria Municipal da Cultura, Porto Alegre, 1993).

Loredano lança coletânea após 22 anos

O caricaturista brasileiro Loredano Cássio Silva Filho lançou recentemente, pela Editora Globo, o livro *Loredano, um balanço dos seus 22 anos de carreira*. Em 176 páginas, a obra traz interpretações de 300 personalidades, brasileiras e estrangeiras, do mundo político, cultural e artístico.

Carioca, 46 anos, Loredano começou a trabalhar na imprensa como jornalista e por volta de 1972 conheceu o caricaturista argentino Luiz Trimano, o artista que mais o influenciaria. Depois de alguns anos dedicados a caricaturas não políticas Loredano partiu para a Europa, onde durante seis anos foi colaborador de diversos jornais. Entre esses se destacam *La Stampa* e *La Repubblica*, na Itália, *Libération*, na França e *Frankfurter Allgemeine*, na Alemanha. Entre 1984 e 1992 viveu na Espanha colaborando intensamente com o jornal *El País*, principalmente com caricaturas políticas. Atualmente vivendo no Rio, Loredano decidiu publicar sua coletânea de caricaturas como consequência natural de seu trabalho de revalorização das obras de grandes caricaturistas, como Nassara e Trimano. Em outubro, o artista brasileiro apresentou seus trabalhos na Feira Internacional de

Frankfurt.

Jaime Luccas

é a lei!

Lei de reserva de mercado garante 60% para produção nacional mas não é cumprida por jornais e editoras

BOICOTE AO QUADRINHO NACIONAL



Lei completa 32 anos sem ser cumprida

Decreto nº 52497, de 23 de setembro de 1963, disciplina a publicação de histórias em quadrinhos e dá outras providências

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 87, item I, da Constituição Federal e considerando a imperiosa necessidade de disciplinar a exploração das chamadas histórias em quadrinhos, dada a influência que exercem sobre o condicionamento emocional e a formação moral da infância e da adolescência; considerando que muitas dessas publicações inserem histórias de cunho político-ideológico, ou estampam cenas altamente prejudiciais à boa formação moral e mental

da adolescência e da infância; considerando a frequência com que as histórias publicadas pelas revistas e jornais são divorciadas no nosso contexto cultural; considerando a conveniência de se utilizarem, para a formação de uma consciência histórica nacional da nossa juventude, certos tipos e mitos folclóricos brasileiros, inclusive curiosidade referentes ao meio físico, fauna e flora; considerando que a enorme quantidade de material estrangeiro destinado à substituição do gênero entra

no país sem pagar qualquer taxa; considerando que cumpre ao Governo evitar a evasão de divisas com importação de material desnecessários em virtude da existência de congêneres de produção nacional decreta: Art 1- As empresas editoras de histórias em quadrinhos deverão publicar no conjunto de suas edições, histórias em quadrinhos nacionais nas seguintes proporções mínimas: 30% (trinta por cento) a partir de 1 de janeiro de 1964; 40% (quarenta por cento) a partir de 1 de janeiro de 1965; e,

finalmente, 60% (sessenta por cento) a partir de 1966.

1 - Para efeito de cálculo da percentagem a que se refere este artigo, levar-se-á em conta tanto o número total de revistas de histórias em quadrinhos publicadas por editora, quanto o número de páginas do conjunto de edições do gênero, feitas mensalmente por empresas.

2 - Quando se tratar de jornais, a percentagem será contada em função do número de "tiras" de histórias em quadrinhos publicadas por exemplar.

Os quadrinhos nacionais nunca chegaram a ter o mesmo espaço das HQs importadas, por isso os argumentistas e desenhistas brasileiros sempre precisaram enfrentar a falta de interesse do público e, principalmente, das editoras. A concorrência desleal do material importado, publicado massivamente no país - porque custa mais barato para a editora do que bancar uma produção nacional - mantém a maioria dos desenhistas desempregados ou trabalhando em outras áreas.

A vontade de mudar esta história é mais velha que a maioria dos leitores de HQ no Brasil. Em 1963, o presidente João Goulart assinou um decreto que garantia reserva de mercado de 60% para histórias nacionais. Mas os interesses políticos das grandes editoras e dos jornais, que não queriam e não querem este tipo de lei, acabaram fazendo com que ela não fosse regulamentada.

Antes mesmo do decreto ser promulgado, o jornal O Estado de São Paulo publicou, em 29 de junho de 1961, um artigo em que dizia ser "absurdo o projeto visando a nacionalização das histórias em quadrinhos." Junto com as pressões de outros grandes jornais da época, a lei acabou praticamente esquecida e os desenhistas sem uma posição definida, já que o decreto previa a regulamentação de um código profissional para a classe. Além disso, a lei foi criada para tentar evitar a entrada de histórias estrangeiras no Brasil, que não pagavam impostos e ainda difundiam valores culturais de outros países. Para combater isso, outro item previa o uso das HQs produzidas aqui para divulgar a cultura brasileira.

Em 1981, um deputado paulista reapresentou a lei ao Congresso Nacional, mas as editoras conseguiram que o texto fosse alterado antes mesmo de ir à votação. Todas as histórias traduzidas no Brasil passariam a ser consideradas nacionais. Desta maneira, qualquer HQ importada tornava-se brasileira e os 60% da reserva de mercado eram cumpridos. Com este artifício, não havia mais necessidade de se pagar a produção nacional e, pela segunda vez, as editoras deram uma rasteira nos artistas brasileiros e inviabilizaram um mercado potencial para a sua produção.

O ex-deputado Ibsen Pinheiro percebeu o "engano" na redação do decreto e levou o problema à Comissão de Justiça da Câmara Federal, que convocou representantes das editoras e dos desenhistas para resolver a questão. Henfil, Fortuna, Cláudio Paiva e Edgar Vasquez foram a Brasília representando os quadrinistas, mas o acordo entre empresários e artistas não

saiu. Os deputados preferiram ficar em cima do muro e pediram veto à lei de 1981 para o então presidente João Figueiredo. A Comissão de Justiça exigiu uma nova redação para a lei e um acordo posterior entre as partes, que nunca chegou a acontecer.

Conforme o Prodasen (Processamento de Dados do Senado), responsável pela atualização das leis brasileiras, o decreto continua em vigor, sem ser cumprido. Há 31 anos a situação dos quadrinhos nacionais continua a mesma, as oportunidades oferecidas pelas grandes editoras aos desenhistas são mínimas. Para não depender deste "espaço", a saída é arriscar nas produções independentes. Para o desenhista Santiago, que atualmente faz charges e cartuns para jornais sindicais do Rio Grande do Sul, essa situação poderia começar a mudar se os desenhistas de todo o país se unissem em um sindicato. Ele acredita que a tendência assim teria mais força e chances de brigar pela regulamentação da lei.

"Seria muito bom se o público percebesse que o material produzido no Brasil, e por brasileiros, é tão bom ou até melhor do que muita coisa que vem de fora. Mas para isso acontecer é preciso que exista um lugar digno e definitivo para a HQ brasileira no mercado"
Edgar Vasquez

Já Edgar Vasquez, criador do Rango (veja perfil nesta edição) e diretor de arte da assessoria de comunicação da prefeitura de Porto Alegre, acha que um sindicato não é a saída ideal. Para ele, a "classe é muito desunida e alguns cartunistas não querem a lei. Como o Ziraldo, que é contra a reserva de mercado e acha que o quadrinho nacional deve competir com o estrangeiro. Seria muito bom se o público percebesse que o material produzido no Brasil, e por

brasileiros, é tão bom ou melhor que muita coisa que vem de fora. Mas para isso acontecer, é preciso que exista um lugar digno e definitivo para a HQ brasileira no mercado."

Lotti, criador dos personagens *Frederico & Fellini*, também acha isso. Completamente a favor da reserva de mercado, ele afirma que há um campo de trabalho definido e que a HQ nacional é viável. A prova disto é a editora do autor, que lança no Rio Grande do Sul os trabalhos dos desenhistas gaúchos, com tiragens mensais de 10 mil exemplares.

Outro exemplo é a Agência Funarte - uma versão nacional dos *Syndicates* norte-americanos (detentores dos direitos de distribuição) - que publicou, de 1985 até ser extinta pelo governo Collor, uma página só com tiras de artistas brasileiros no Jornal de Brasília. O preço do material era o mesmo das tiras americanas e 70% do lucro ia para os desenhistas, enquanto o restante ficava para a agência.

Logo depois do fim da Funarte, um dos seus membros resolveu continuar dando força aos quadrinhos brasileiros. O ex-colaborador do jornal Pasquim, Ricki Goodwin, fundou a *Paca-Tatu* e continua distribuindo as HQs brasileiras para diversos jornais do país.

Sacanagem - Apesar deste apoio, os quadrinhos nacionais continuam marginalizados e quase desconhecidos do grande público. A editora Abril, por exemplo, não publica nenhuma história nacional desde que Maurício de Souza levou a Turma da Mônica para a editora Globo no fim da década de 80. O diretor responsável pela Abril Jovem, Silvio Fukumoto, afirma que a editora já publicou HQs brasileiras, mas não deu certo. "Publicamos *Os Trapalhões* e *O Menino Maluquinho*, mas o mercado não aceitou. O público prefere o material estrangeiro, que tem melhor qualidade."

Fukumoto garante que a Abril é a favor do quadrinho brasileiro, tanto que a editora mantém uma equipe de desenhistas, roteiristas e arte-finalistas produzindo o material dos Estúdios Disney no Brasil, em *Zé Carioca*, *Margarina*, *Urtigão* e *O Pato Donald*. Se é que podemos considerar o mundo Disney como "quadrinho nacional."

Mas, com certeza, a HQ brasileira foi traída por quem tradicionalmente mais dá apoio aos quadrinhos: os jornais. As tiras diárias, que imortalizaram as HQs, não oferecem mais espaço para os desenhistas do Brasil. A maior parte delas, publicadas em quase todos os jornais, são importadas e apenas a Folha de São Paulo e o Jornal do Brasil cedem espaço considerável ao autor nacional.

Reportagem: Alessandro da Silva

Luta por espaço divide artistas

O Zero ouviu alguns dos autores do mundo dos quadrinhos, charges e cartuns brasileiros, sobre o decreto nº 52497, que garante a reserva de mercado de 60% para as HQs nacionais.

"Já fui a favor, já fui contra. Acho que uma reserva de mercado não tem sentido. O espaço pode ser conquistado, e uma lei assim não ajuda em nada. É difícil ganhar da DC e da Marvel. O quadrinho brasileiro jamais vai se firmar em definitivo, por causa das características da cultura brasileira. Vou procurar outras áreas de trabalho, como o teatro e o cinema."

Angeli, oriador da revista Chiclete com Banana

"Acho meio ridícula esta lei. Não se pode impor condições no mercado. A HQ brasileira deve se impor para o leitor. A saída é o humor como o Laerte e as editoras pequenas estão fazendo. O público não acredita no material brasileiro porque a cultura estrangeira é muito forte aqui."

Leandro Luigi Del Manto, editor da Editora Globo

"É bom uma reserva de mercado que cria um mercado livre para a HQ nacional. Nossos quadrinhos só são ruins por falta de incentivo."

Santiago, cartunista gaúcho

"Sou a favor da lei. O mercado de quadrinhos no Brasil já é definitivo e viável."

Lotti, oriador do Radicci

"Uma lei assim pode ser complicada para os quadrinhos brasileiros. Como o preço dos importados é bem mais barato, isto pode acabar fazendo com que as editoras simplesmente parem de publicar quadrinhos de qualquer nacionalidade."

Fernando Gonsales, oriador do Níquel Náusea



The Nightmare

from Robert
1970


ZERO ZINE II
EDIÇÃO DE VERÃO
FEVEREIRO DE 95

The Nightmare
Robert Crumb, 1970

Paraíso das HQs

oásis!

A Gibiteca Henfil possui 30 mil obras e recebe 200 leitores por dia, mesmo sem apoio da Secretaria de Cultura de SP



Um ano e meio lendo quadrinhos sem parar! Este é o tempo que seria necessário para esgotar os 30 mil volumes da Gibiteca Henfil, de São Paulo. As opções vão do infantil ao pornô e incluem, além das revistas de linha, centenas de álbuns, outro tanto de fanzines, quase todos os livros publicados no Brasil sobre o assunto e cerca de quatro mil obras estrangeiras, entre elas gibis portugueses da década de 30 – as maiores raridades do acervo.

Há oito mil sócios da gibiteca, na maioria adolescentes. Para se cadastrar e poder levar os gibis para casa, não é preciso pagar taxa de inscrição nem mensalidade, basta morar na Grande São Paulo e ter ficha limpa no SPC. Cerca de 200 pessoas visitam a Gibiteca por dia, lendo sentadas à mesa ou deitadas em almofadas. Estão à disposição quase 10 mil volumes, os números repetidos e os 800 mangás japoneses. Revistas que têm um único exemplar ficam num recinto fechado e só podem ser acessadas se solicitadas.

Os cinco funcionários são pagos pela Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo, que cedeu espaço na Biblioteca da Vila Mariana para que a Gibiteca fosse instalada, aproveitando a ressonância do boom dos quadrinhos no final da década de 80. "Klink", que não revela o primeiro nome "porque é muito feio", conta que em maio de 1991, quando a Gibiteca foi inaugurada, havia pouco mais de mil exemplares, todos doados por seus idealizadores - ele próprio, o escritor Álvaro de Moya e mais "três

ou quatro malucos".

Agenda cheia - O acervo foi crescendo à medida em que a Gibiteca foi ganhando divulgação nos meios de comunicação. "Tem caras que casam e trazem a coleção aqui. A mulher não quer aquela bagulhada em casa e a mãe diz que não tem mais nada com isso", diverte-se Klink. Entretanto, ultimamente a falta de pessoal, de material e de espaço tem feito com que as doações sejam recusadas.

As revistas são arquivadas em caixas de leite adaptadas, os fanzines empilhados em caixas de televisão, os mangás ainda nem foram catalogados e - o pior de tudo - é comum sumirem revistas. "Esqueça qualquer coisa que envolva dinheiro", diz Klink, magoado por não receber apoio da Secretaria, apesar de toda a badalação da mídia - do *Fantástico* inclusive - e do sucesso dos eventos promovidos.

E são muitos os eventos. Em meados de outubro, por exemplo, o novo álbum de Lourenço Mutarelli foi lançado na Gibiteca e vendeu noventa exemplares numa só noite. Pouco antes, houve uma exposição sobre o *Fantasma*. A Gibiteca participa das tantas mostras quanto possível, das Bienais de Quadrinhos e promove os prêmios *Angelo Agostini* e *HQ Mix*. Na manhã do primeiro domingo de cada mês, abre suas portas para uma feira de troca de gibis. As tardes de sexta e os sábados estão reservados aos jogadores de RPG. Nos domingos à tarde é o encontro do *Orcade*, um grupo de fãs dos quadrinhos japoneses.

Mágoa Antiga - Além de tudo isso, os fanzines *Saga*, *Panacea*, *Marvel News*, *Circulo dos Quadrinhos* e *Clipping* também têm horas reservadas para suas reuniões de pauta. No escasso tempo que sobra, os membros da Associação de Quadrinistas e Caricaturistas de São Paulo (AQC-SP) se encontram. São todas iniciativas sem qualquer ajuda da Prefeitura, até porque oficialmente a Gibiteca nem existe, já que o Projeto de Lei que a cria não foi aprovado.

A bronca dos fundadores da Gibiteca com a Secretaria de Cultura remonta a uma questão anterior à financeira. Ela se chamaria Victor Civita, em homenagem ao então recém-falecido fundador da Editora Abril. Marilena Chaui, secretária do governo de Luiza Erundina, mandou dois bilhetinhos: o primeiro dizia "pensem no nome de Henfil" e o segundo "a Gibiteca irá se chamar Henfil". "É inegável o mérito da obra de Henfil, mas civita fez muito pela realização de nosso sonho", diz Klink.

Problemas à parte, a Gibiteca Municipal Henfil vai sobrevivendo e visitá-la é obrigação para os fãs de quadrinhos. Ela fica na rua Sena Madureira número 298, Vila Mariana, dez minutos a pé do Parque do Ibirapuera. Para quem quiser fazer contato à distância, o CEP é 04021-050 e o telefone (011) 574-0389. O horário de funcionamento é das 9 às 20 h, de terça a sexta, e das 10 às 17 h aos sábados e domingos.

Maurício Oliveira



"Tem uns caras que casam e trazem a coleção aqui, porque a mulher não quer aquela bagulhada em casa e a mãe diz que não tem mais nada a ver com isso."



Maurício!

Gibis podem ter espaço na biblioteca

- Santa idéia, Batman!
- Isso mesmo Robin, estão querendo criar uma gibiteca na UFSC!

É verdade. Batman, Robin, Mônica, Tio Patinhas e companhia terão um lugar reservado só para eles na universidade. Em outubro, professores, bibliotecários e especialistas em HQ discutiram a possibilidade de criar um setor especializado em quadrinhos na Biblioteca Universitária. A principal questão do Seminário sobre quadrinhos, promovido pela própria biblioteca, era até onde os quadrinhos podem ser um produto de enriquecimento cultural e como ele pode ser usado de forma didática no ensino infantil-juvenil.

De um lado professores e especialistas em HQ, como o quadrinista e cartunista de Florianópolis Zé Dassilva, usavam todas as armas para provar que os quadrinhos podem trazer vantagens para a universidade.

Do outro, bibliotecários e membros do Conselho Universitário ouviam, céticos, não acreditando que o velho gibi pudesse ser útil de uma outra forma, que não a da pura e simples diversão aos estudantes.

Depois de algumas horas de exposição de argumentos, a opinião final foi unânime: uma gibiteca só traz vantagens para a Biblioteca. "O gibi serve como ponte para aqueles que não lêem nada até a literatura, é um estímulo para se começar a ler", diz Eglê Medeiros, escritora e ex-assessora da Fundação Nacional para o Livro Infantil. Zé Dassilva lembrou que além de ser um local de estímulo à leitura de quadrinhos, a gibiteca pode dar apoio aos desenhistas locais, estimulando a produção de quadrinhos regionais.

Esboços - Apesar de todo apoio que vem recebendo esta história ainda está nos primeiros traços.

Um projeto específico para a criação da gibiteca não foi preparado, questões como acervo, local e verbas não foram discutidas oficialmente. Existem idéias, e uma delas é conhecer gibitecas maiores e mais antigas, que possam repassar suas experiências. Um bom exemplo é a gibiteca municipal de São Paulo, ou Gibiteca Henfil, como é mais conhecida. Ela é a maior do Brasil e dispõe de mais de 30 mil títulos. Lá todo acervo foi obtido através de doações, inclusive de editoras especializadas em quadrinhos. Aqui a gibiteca da UFSC quer levantar seu material da mesma forma.

O acervo deve ser bem eclético, com obras que vão desde o estilo Mônica até álbuns de luxo europeus. Assim a gibiteca atinge um público variado. Mas nada está definido, o que resta é esperar o próximo capítulo para conhecer o final desta aventura.

Yan Boechat



Um plano infalível

A história de um ex-clonista policial que hoje fatula milhões de dólares

Todo mundo conhece Maurício de Sousa. Desenhista e empresário, 59 anos, pai de cerca de 200 personagens que vendem milhões de revistas por mês, "O Mais Bem-Sucedido Quadrinista do Brasil". Só que nem sempre foi assim; no começo da carreira, o pai da Mônica e do Cebolinha teve que enfrentar o dia-a-dia de um repórter. Ele aceitou o cargo na Folha de São Paulo em 1955 porque parecia ser o único meio que tinha para publicar seus desenhos. "Na época, a única vaga era a de repórter policial. Cheguei no primeiro dia de trabalho vestido a rigor, com capa e chapéu. Foi muito engraçado, todo mundo riu", conta.

Maurício trabalhava feito louco naquele tempo. Durante o dia, como repórter. À noite, como desenhista. "Lá pelas 3 horas da manhã precisava parar, não agüentava mais". Como naquele horário não tinha condução para voltar para casa, às vezes ele juntava três cadeiras na redação e dormia ali mesmo. Em 1959, começou a publicar na Folha as primeiras tiras do Bidu, que no início eram semanais e sem assinatura. Um ano depois, encerrou sua carreira na editoria de polícia: "Tive muita sorte. Em cinco anos de atividade, jamais vi sangue". Ainda em 1960, se mudou para Bauru (interior de São Paulo), onde nasceu Mônica, sua segunda filha. Foi numa tira do Cebolinha que o personagem inspirado nela apareceu pela primeira vez, e roubou a cena.

O ano era 1963 e Maurício tinha voltado a São Paulo para trabalhar na Folhinha. Ele precisava de uma menina para dividir as tiras com Cebolinha, Franjinha, Titi e Jeremias. Achou o que procurava na própria filha, com dois anos e meio,

briguenta e sempre agarrada ao seu coelhinho de pelúcia. "Geralmente me inspiro em pessoas de verdade e com todos os personagens tenho uma relação de pai para filho. Quando tenho que aprovar uma história da Mônica, vejo como ela está vestida, se não está agressiva demais, se o que diz é positivo".

Tanta "corujice" tem explicação. Graças à Turma da Mônica, as indústrias que trabalham com a Maurício de Souza Produções faturaram cerca de 250 milhões de dólares em 93. A empresa, instalada na Zona Norte de São Paulo, tem 120 funcionários e trabalha com mais de 2 mil produtos ligados aos personagens: brinquedos, roupas, alimentos e outros artigos para crianças. Em 1987, depois de trocar a Editora Abril - onde trabalhou durante 17 anos - pela editora Globo, suas revistas começaram a vender mais que as da Disney. Na época, a editora chegou a imprimir 3,5 milhões de exemplares por mês, com os títulos Mônica, Magali, Chico Bento, Cascão e Cebolinha. Atualmente são onze revistas diferentes,

com uma tiragem de 2 milhões de exemplares.

A principal influência de Maurício de Sousa foi, em as revistas da Rio Gráfica Editora da década de 40, principalmente o Gibi e o Globo Juvenil. Na sua infância, as histórias em quadrinhos eram consideradas "ruins" à formação das crianças. Mas o pai dele teve sorte: seu pai achava que toda leitura somava cultura, e sempre chegava em casa, da barbearia onde trabalhava, com alguns quadrinhos para o filho. "Eu gostava mais do Gibi, que tinha o Fernandinho, caipira que nem o Chico Bento. Mas a minha predileta era The Spirit, uma história policial super bem feita, do Will Eisner. Tudo que eu sei sobre criação e narrativa aprendi nas histórias dele, meu guru e hoje amigo". Com o tempo, os personagens da Turma foram evoluindo no traço e no comportamento. A Mônica, por exemplo, era muito agressiva no início, mas hoje só usa o Sansão se a turma aprontar muito. Mesmo assim, Maurício não gosta que ela apareça batendo; uma fuma-cinha insinua o lance.

Essa preocupação com o conteúdo das histórias vai levar os personagens de Maurício de volta ao mercado europeu. Nos anos 70, na Alemanha, suas revistas chegaram a uma tiragem de 60 mil exemplares mensais. Havia revistas na Dinamarca, Noruega e Inglaterra. No início da década seguinte, começou a "invasão japonesa" no mercado europeu, com um pacote que incluía, além das revistas, seriados e desenhos animados para a TV. A porrada comia solta. Hoje, os gibis brasileiros voltaram à moda. "O mundo inteiro busca material igual ao nosso, está saturado da violência das histórias japonesas".

O último filão descoberto por Maurício de Sousa são os parques de diversões. O Parque da Mônica, em São Paulo, foi inaugurado em janeiro de 1993 e, em um ano de funcionamento, recebeu um milhão e meio de visitantes. Já existem projetos para construir parques no Rio de Janeiro, em Curitiba, Boston e Miami. O objetivo é trazer de volta a infância à moda antiga: "Os parques vão resgatar o quintal perdido, onde a criança possa escorregar na grama e subir em árvores". Viajando um pouco mais, Maurício prevê que em breve os leitores poderão interagir com o universo da Turma da Mônica, através de revistas em realidade virtual. Viajando mais ainda, ele prevê para a virada do século um grande show tridimensional transmitido via satélite, reunindo os principais personagens de HQ no mundo. "Já falei com algumas pessoas, que acharam uma boa idéia. Mas por enquanto é só sonho...nem um pouco impossível".



Os novos personagens Nimbus e Do Contra inspirados nos filhos caçulas

Renata Marques

HQ ecológica vira best-seller

verde vende!

Gibi didático defende a natureza e o espaço do quadrinho nas livrarias

O saudoso editor Caio Graco Prado comprou os direitos para o Brasil de um livro de Luca Novelli, iniciante autor italiano, sobre o meio ambiente. Nessa época, sua editora obtivera sucesso com as coleções Primeiros Passos, O Que É, etc. Teve a idéia, portanto, de desmembrar a obra italiana nas pequenas publicações sob o título *Ecologia em Quadrinhos volumes 1 e 2*. E fim.

Luca Novelli voltou-se para outros projetos, em seu país natal, e a Brasileira se viu com uma coleção de apenas dois volumes.

Mas, a visão editorial de Caio Prado Jr., herdada de seu pai, Caio Prado, fundador da Editora Brasileira, juntamente com Monteiro Lobato e Arthur Neves, era ilimitada. Ao se deparar com as tirinhas para jornal da jovem autora Cláudia Lévy, publicadas nos jornais *A Gazeta*, *Diário Popular* e *Folha da Tarde*, bem como suas charges políticas em *O Estado de São Paulo*, viu ali a solução. convidou-a para fazer um terceiro volume da coleção. E acertou. Ela não só escreveu o texto, mas desenhou tudo, fez as letrinhas



dos baldezinhas e a capa em cores.

Cláudia Lévy, advogada criminalista e ex-professora primária, encontrou um campo fértil para a sua criatividade. Alicerçada numa pesquisa exaustiva, partiu para seu primeiro projeto, imediatamente aprovado pelo editor, por se tratar de tema atual na luta ecológica mundial: a Amazônia.

A parte mais trabalhosa foi exatamente a de pesquisa. E a mais demorada. O resultado pode ser comprovado nas ilustrações minuciosas. Todas as árvores, folhas, insetos, animais, detalhes e imagens secundárias são cuidadosamente verídicas. Diferentemente de outros trabalhos no gênero, os desenhos são rigorosamente verazes. O que desperta a identificação dos leitores mirins.

(Nas palestras e apresentações que faz nas escolas, ao vivo, a autora depara-se com a constatação das crianças que reconhecem nos desenhos dos peixes, os mesmo peixinhos em suas casas, pois grande parte dos habitantes de aquários em São Paulo são originários da Amazônia).

Lançado como *Ecologia em Qua-*



drinhos, volume 3, *Amazônia* virou um best-seller. Em poucos meses, alcançou a quarta tiragem. Com os dois primeiros volumes tinham sido impressos em preto e branco, esta terceira obra também o foi. Isso possibilitou às professoras e diretoras de escolas, bem como às orientadoras pedagógicas, escolherem o livro para seus alunos, pois o preço era o mesmo de um gibi nas bancas de jornais. Dessa forma, também as escolas de periferia, com famílias de baixo poder aquisitivo, puderam adotar o livro nas áreas de Biologia, Ecologia, Geografia e outras. E contar com a presença viva da autora em suas aulas.

Essa primeira experiência brasileira na coleção possibilitou a verificação de que as crianças liam o livro como um verdadeiro gibi de aventura. A presença de Jorge Ginga, um jacaré simpático, e o papagaio Eurico conduziram a ação num plano lúdico. O humor entrava entrosado na história, fluente e atraente. O desenho tinha os *ichans* dos comics *made in USA*. E detalhes que não escapavam à leitura acurada dos petizes. Parece que



Amazônia e Pantanal, ensinam noções de ecologia com linguagem de História em quadrinhos, e tornaram a autora Cláudia Lévy reconhecida internacionalmente

o conteúdo absorvido posteriormente.

A avalanche não tirou o hábito da leitura atenta dos baixinhos. Pelo contrário. As questões de conteúdo eram respondidas mecanicamente pelos estudantes, como se suas perguntas fossem dadas pelos pais ou professores. mas, os detalhes de uma simples joaninha num canto perdido de um quadrinho era anotado por todos os aprendizes. Surpreendente. O leitor era conquistado pela história básica e pelos detalhes.

O conteúdo absorvido posteriormente.

A experiência de *Amazônia*, principalmente pelos resultados aferidos nas salas de aula, levaram ao volume 4, *Pantanal*. Desta feita, a autora, mais livre, conseguiu inserir os conceitos indispensáveis a uma obra didática dentro de uma narrativa eminentemente infantil, com mescla de gibi e de livro infanto-juvenil tradicional.

Em *Pantanal*, a busca da onça Rainha Leôncia assume características de livro infanto-juvenil. Já a aventura é típica de gibis. E a didática está embutida nos conceitos inteligentes emitidos no início da saga. Novamente comandada pelo jacaré (agora

astro) Jorge Ginga e seu amiguinho, o papagaio Eurico, mantendo a tradição das histórias em quadrinhos de criar personagens fixos e identificados com o leitor em sua complexa personalidade.

A autora apresentou os dois trabalhos nos Congressos de Lucca, Itália, com palestras, exibição de slides, e exposição, apresentação para os *bambini e studenti*. Em 1990, *Amazônia* e na Bienal seguinte, 1992, *Pantanal*. Com idêntico sucesso. Uma opção para Espanha e Estados Unidos possibilitará a edição colorida também na Itália.

A revista romana *Comic Art*, de Rinaldo Traini, ex-diretor dos salões de Lucca, trouxe um artigo assinado pelo professor Sérgio Micheli, da Universidade de Siena, intitulado *Dal Brasile, Ecologia a Quadretti*.

"O gênero cômico através do qual personagens e situações são apresentadas neste volume, parece um veículo particularmente cativante a fim de que o conteúdo enfrentado possa fluir melhor e portanto produzir o melhor resultado possível."

E continua o professor: "Deste modo, o trabalho se apresenta muito convincente, considerando o fato de



que a história contada por Cláudia Lévy aparece escrupulosamente sustentada por um absoluto rigor científico. Isso faz com que a leitura seja de grande interesse e utilidade, também do ponto de vista estritamente didático."

O reconhecimento internacional da obra de Cláudia Lévy e o sucesso de suas edições levaram o editor Caio Graco, pouco antes de seu trágico falecimento, a sugerir a Cláudia a feitura de um tema sugerido pela filha do editor: o rio Tietê.

As aquarelas de Cláudia sobre o histórico rio paulista foram exibidas na feira de Roma, na Expo-Cartoon, em novembro de 1994.

Portanto, in memoriam do insubstituível Caio Graco Prado, o quinto volume da coleção *Ecologia em Quadrinhos*, publicado este ano é: *Tietê*.

Álvaro de Moya

Escritor, autor dos livros *A História das Histórias em Quadrinhos* e *Shazam*

Ziraldito avalia situação do cartum no Brasil

É difícil encontrar alguma atividade relacionada às artes plásticas e à imprensa em que Ziraldito não tenha participado. Aos 62 anos de idade e 40 de profissão, já foi desenhista, cartunista, cartazista, entrevistador, publicitário, jornalista, humorista, autor teatral e nunca usou o esquecido diploma de advogado. Ziraldito Alves Pinto participou dos grandes momentos do jornalismo brasileiro. Desenhou para as revistas *Penthouse* e *Private Eye*, da Inglaterra; *Mad*, dos Estados Unidos; *Plexus* e *Planète*, da França. Hoje, dedica-se a escrever para crianças. Uma de suas últimas obras é a coleção *ABZ: 26 livros infantis, onde os personagens são as letras do alfabeto*.

Zero - Qual o papel do cartum e dos quadrinhos na mídia impressa?

Z - É um papel de estímulo. Tudo para vender tem que ter chama, uma descoberta, precisa dizer algo novo e diferente. O humor estimula a comunicação porque é descoberta. E o que interessa é que o desenho diga algo e expresse uma boa idéia. Os cartuns e os quadrinhos são importantes, pois são também uma maneira de informar, divertir o leitor e estimular o seu dia-a-dia. Zero - A imprensa brasileira dá a devida importância aos quadrinhos e cartuns como fontes de informação?

Z - Quando eu comecei na profissão, a imprensa desprezava muito os desenhos de humor. Tirando *O Cruzeiro*, que tinha o Millôr, Carlos Estevão, Péricles e alguns velhos desenhistas que trabalhavam em outros lugares, como o Raul Pederneiras e o Calixto, não havia espaço para publicações nacionais. As charges, caricaturas e quadrinhos eram comprados de agências americanas. Hoje em dia, há espaço para o trabalho dos desenhistas e o reconhecimento profissional. Eu quero fazer um levantamento de quantas charges são publicadas por dia no Brasil, acho que dá mais de 100.

Zero - Faça uma avaliação dos desenhistas brasileiros.

Z - Acho todos eles ótimos: desenhistas, chargistas, cartunistas, caricaturistas. O nível dos trabalhos aqui no Brasil é muito bom. Se falassem em inglês então, seriam os reis do mundo.

Alessandra Pereira

FEV 95 - ZERO ZINE

acabô!

VINTE ANOS DE METAL PESADO

A Métal Hurlant não existe mais, mas deixou herdeiros e fãs em todo o mundo

Super Herói também faz cocô

Como seria o mundo com a existência real dos super-heróis? Com esta dúvida no ar, a Editora Abril pretende preparar seus leitores para o lançamento da nova minissérie Marvel. A novidade é transformar os cidadãos comuns em protagonistas das histórias.

Na segunda quinzena de janeiro os fãs terão uma surpresa, com o primeiro número da série.

De acordo com Marco Moretti, editor das revistas Marvel no Brasil, esta nova série vem com a intenção de mostrar os super-heróis do ponto de vista humano.

Para isso, tem como personagem principal o fotógrafo Phil Sheldon, que observa e conta a história através de sua própria visão, mostrando a reação dos seres humanos comuns às batalhas dos Marvels.

O primeiro número vai mostrar a visão "ingênua" dos anos 40, com uma aparição do primeiro Tocha Humana, quando os super-heróis ainda podiam salvar o mundo. Dá ênfase também ao nacionalismo característico da época. O segundo número, com os X-Men, retrata o fim dos anos 50 e o início dos anos 60, com todas as lutas raciais da época. Esta edição coloca a humanidade contra os mutantes, perdendo a confiança nos super-heróis.

No terceiro capítulo da série, que dá uma idéia de como seria o fim do mundo, aparecem Galactus e o Surfista Prateado. A quarta e última parte vem com o Homem-Aranha. Vai mostrar a desilusão com os super-heróis e põr fim à idéia de que eles são invencíveis.

A série vai contar ainda com várias inovações na parte artística. Terá duas capas, a primeira só com desenhos dos Marvel e a segunda em acetato transparente, com o nome Marvel escrito em preto. Os desenhos no interior da revista serão à base de fotografia e pintura, impressos em papel couchê.

Alex Ross, na arte, e Kurt Busieck, no roteiro, assinam a série, que foi lançada no início do ano nos Estados Unidos. Marvel é um dos lançamentos mais badalados dos últimos tempos e custará cerca de cinco dólares no Brasil, um dólar mais barato que o original americano. Jefferson Dalmore

Era uma vez uma revista que publicava Moebius, Caza, Liberatore, Bilal e outros papas da HQ européia em primeira mão. Que tinha uma sofisticada apresentação gráfica, aliada a temáticas que antes eram privilégio dos quadrinhos underground, e que foi molde para muitas outras revistas do gênero em todo o mundo.

Fundada no dia 19 de dezembro de 1974, a *Métal Hurlant* foi uma iniciativa de quatro quadrinistas franceses: Jean Pierre Dionnet, Philippe Druillet, Farkas e Grot. Juntos, fundaram a editora Humanoides Associés, que logo se tornaria a vanguarda dos quadrinhos na Europa.

Ela não foi a primeira revista européia destinada ao público adulto. A italiana *Limus*, de 1965, chegou antes. Mas em compensação, abriu as portas para desenhistas e roteiristas antes só conhecidos por leitores iniciados. Em suas páginas desfilaram algumas das melhores histórias da época.

Praticamente tudo o que o francês Moebius publicou na revista foi premiado: *A Garagem Hermética*, *Arzach*, *The Long Tomorrow*, *O Incal*. A *Métal Hurlant* sem Moebius não seria a mesma. Mesmo assim, um time de ótimos desenhistas e roteiristas segurava a barra com dignidade. Philippe Druillet desde o início delirava em histórias experimentais. Em 1976, Philippe Caza iniciou sua colaboração com histórias de fantasia e ficção científica, sempre com um traço primoroso. A partir de 1979 foi a vez do húngaro Enki Bilal, com sua atmosfera pesada e melancólica. Fez o *Exterminador 17* com Dionnet, além de outros trabalhos com Pierre Christin.

Além de colaboradores exclusivos, *MH* publicava materiais de outras revistas e autores europeus. Assim foi com *Barbarella*, de Jean-Claude Forest, *Ranxerox*, de Tamburini e Liberatore e *Valentina*, de Guido Crepax.

Mas não só de europeus vivia a *Métal Hurlant*. Os brasileiros Sérgio Macedo e Alain Voss, cansados de não conseguirem



Capa da edição espanhola da revista que popularizou a fantasia de Moebius e lançou desenhistas de alto nível, como o espanhol Caza



publicação no Brasil fora do circuito underground, foram tentar a sorte no exterior. Desconhecidos por aqui, têm álbuns publicados na Europa e são reconhecidos por lá. E o que é melhor: sem ter que desenhar super-heróis.

Publicando histórias de fantasia, humor, ficção científica e aventura, sempre com pitadas de sexo e violência, a *Métal Hurlant* ganhou fama e conquistou novos leitores. Não demorou para que editoras de outros países se interessassem em publicar seu material. Resultado: além de muitas histórias pirateadas em todos os cantos do mundo, inclusive no Brasil, surgiram quatro filiais: a *Schwer Metall*, alemã, a *Métal Hurlant* espanhola, uma versão holandesa e a *Heavy Metal*, americana, a mais famosa das crias da revista original.

Misturando material da matriz com produção própria, a *Heavy Metal* foi a mais bem-sucedida das quatro. Publicou feras como Richard Corben, Howard Chaykin, Frank Frazetta, Charles Burns, Simon Bisley e outros expoentes do mercado norte-americano "alternativo". Além disso, produziu o desenho animado *Heavy Metal - Universo em Fantasia*, com histórias da revista, onde vários episódios independentes eram ligados apenas pela presença de uma misteriosa esfera verde brilhante.

Ironicamente, a matriz francesa faliu. Enquanto isso, a *Heavy Metal* continua a ser publicada até hoje, mas perdeu espaço dentro do cenário norte-americano para os quadrinhos ingleses que invadiram o mercado ianque e que hoje são a vanguarda nos Estados Unidos. Quanto aos artistas da *Métal Hurlant*, alguns ainda publicam um ou outro álbum esporadicamente. Outros voltaram ao que faziam antes de serem quadrinistas. A maioria vive mais da fama e da fortuna que ganharam na época do "metal pesado" que de produções atuais. Pode parecer pouco, mas ao menor sinal de algum trabalho novo, os colecionadores logo correm atrás.

Ivan Jerônimo

anos 60!

FEV 95 - ZERO ZINE

Herói bósnio enfrenta uma super-roubada

Um novo herói surge das ruas de Sarajevo, combatendo os extremistas sérvios-bósnios e fazendo da guerra palco para fantásticas histórias em quadrinhos. Com seus poderes de premonição e roupa à prova de ataques nucleares, Bosman enfrenta perigos já conhecidos dos habitantes da capital bósnia, na primeira HQ publicada no país desde o início da guerra. As aventuras começam quando Bosman vê nacionalistas sérvios equipados com tanques iugoslavos, planejando o ataque inicial a Sarajevo. No fim do primeiro número, a cidade já se aproxima da guerra. Apesar de a personagem ser mais parecida com o Super-Homem que com um soldado, a intenção de seus criadores era fazer um retrato do homem bósnio. "Bosman é um símbolo das pessoas que sobreviveram a esta guerra, que se opuseram à besta e que lutaram só com fuzis", conta Enes Pehlivanovic, produtor da história. Longe de virar um símbolo de crítica ao militarismo ou um alter-ego dos soldados bósnios, Bosman não empolgou as crianças e os adultos reagiram às histórias com gargalhadas. "É verdade, somos heróis", disse um soldado, esforçando-se para se manter sério. "Mas não me acho parecido com esse cara. Ele é a cara do Batman ou do Super-Homem, só que no nosso ambiente". As crianças, acostumadas a fugir de bombas e tiros do exército iugoslavo, acharam a história fraca, com situações ridículas. Mas o super-herói, que veste uma roupa indestrutível com o emblema heráldico da Bósnia no peito, tem fâs perigosos. Uma carta escrita pelo garoto Denis, de 12 anos, está pregada na parede da editora, um ex-salão de bilhar: "Sou um refugiado de Vogosca (em mãos sérvias). Fico feliz de ter te conhecido e quero te parabenizar por tua vitória contra o mal", escreveu o garoto. "Eu queria que você fosse a Vogosca e matasse todos os nossos inimigos."

Marina Moraes

principal alvo da paranóia contra os quadrinhos detonada pelo lançamento do livro *A Sedução dos Inocentes*, do psicólogo Frederic Werthan. *Mad* sofreu uma dura perseguição oficial e teve que tomar seu conteúdo mais ameno, além de cancelar suas publicações de guerra, ficção científica e terror.

Outra influência direta foram os *eight papers*, cadernos de oito páginas onde as personagens viviam as mais loucas aventuras sexuais, desenhadas sem nenhuma inibição. Os *eight papers*, também conhecidos como *kinky comics* ou *Tijuana bibles*, fizeram muito sucesso nos anos 20 e 30, quando eram encartados dentro de outras publicações. Nos anos 60 foram reimpressos por grupos contraculturais e se tornaram fonte de inspiração para os *comix*.

No dia 25 de fevereiro de 1968, em São Francisco, Robert Crumb lançou *Zap*, que é considerada a primeira genuína revista de *comix*. Porém esse número de *Zap* era o segundo criado por Crumb. O primeiro, feito em 1967, não encontrou saída nos Estados Unidos e o autor resolveu mandá-lo para a Inglaterra, onde os originais se perderam. Posteriormente, Crumb recuperou um jogo de fotocópias que, devidamente retocadas, foram publicadas co-mo número zero.

Papa - Totalmente desenhada por Crumb, a primeira edição de *Zap* deu origem a uma série de outras publicações *underground* e rendeu ao desenhista o título de "papa" do gênero. Depois do segundo número, Robert Crumb abriu espaço para outros desenhistas na revista. Um deles foi Clay Wilson, que havia trabalhado para uma editora pornográfica parisiense. Crumb ficou fascinado pelas histórias de Wilson, onde bêbados, gângsters e piratas se enfrentavam em terríveis batalhas com sangue jorrando para todos os lados, projetado por certezas punhaladas nos genitais. Ao lado de Crumb e Gilbert Shelton, criador dos hilários *Freak Brothers* e *Wonder Wart Hog*, Clay Wilson formou o trio dos mais influentes desenhistas de *comix*.

Nos anos 70 uma crise mundial afetou os preços do papel e tornou difícil a vida dos editores independentes. Muitos autores foram trabalhar em publicações profissionais, como a *National Lampoon* e a *Playboy*, e em editoras como a Marvel e a DC Comics. Coletâneas de autores *underground* passaram a ser vendidas até em supermercados. Robert Crumb, que sempre editou e distribuiu suas revistas, decretou a morte dos *comix* e trocou os desenhos pela música. Era necessário manter-se dentro dos canais *underground* de distribuição, pois sem eles suas criações perdiam a utilidade. "Quanto mais dinheiro em jogo, mais chance de corrupção. De um jeito ou de outro eles sempre te enquadram", garante o desenhista.

Ulysses Dutra Netto de *Zap* deu origem a uma série de

COMIX

Do underground ao supermercado

No início dos anos 60, os quadrinhos norte-americanos passavam por um período decadente, onde a criatividade dos roteiristas e desenhistas era limitada por uma moral hipócrita. O macartismo da década anterior e o puritanismo da sociedade fizeram com que os editores criassem um código de censura: o *Comics Code*. Cansados de tanta carece, alguns quadrinistas começaram a produzir e publicar revistas independentes. Assim nasceu o *Comix* ou *Quadrinho Underground*.

As histórias dos *Comix* tinham um caráter anárquico e libertário para seus autores. Eram feitas para derrubar as normas morais da sociedade burguesa e avacalhar com tudo que o americano médio considera mais sagrado. Dessa forma, recuperaram a tradicional função crítica dos quadrinhos e destruíram os limites do que se podia representar em uma HQ. Hoje tudo pode ser desenhado, desde mutilações e curras até estupro e consumo de drogas, ou qualquer coisa que as revistas de quadrinhos de massa não publicavam. Mas essa revolução dos *comix* teve seus antecedentes.

Origem - A revista *Mad*, criada por Harvey Kurtzman, desafiava abertamente o *Comics Code* e foi uma grande influência dos *comix*. Ela fazia sátiras, ridicularizando os grandes heróis americanos, os filmes de Hollywood e os programas de TV. Em 1954 a Educational Comics, editora de *Mad*, foi o



Os desenhos irreverentes de Robert Crumb (acima) e de Gilbert Shelton avacalharam a sociedade americana na revista ZAP. Crumb se manteve na linha alternativa e foi atropelado pelo mainstream.



indies!



Frank Miller amadurece em Sin City

Quando Frank Miller assumiu o argumento e os desenhos da revista Daredevil (Demolidor), em 1979, o título estava às vésperas de ser cancelado. Em menos de dois anos, a revista atingia o topo do mercado, transformando a personagem Demolidor em um dos mais populares nos Estados Unidos, fazendo o nome de Frank Miller ser sinônimo de HQ com qualidade e "descartando" a linguagem dos quadrinhos de super-herói.

Miller, sob influência de Will Eisner e Hugo Pratt, absorveu nos quadrinhos os elementos cinematográficos. Como argumentista, ele reestruturou a vida de personagens clássicos e "imbatíveis". Sob uma visão psicológica, Miller apresentava os heróis como sujeitos problemáticos que punham uma roupa de lycra e saíam para descarregar seus rancores. Foi assim com Batman, que adquiriu um caráter sombrio após a minissérie O Cavaleiro das Trevas, onde aparece com 55 anos de idade, e o Demolidor, recalcado com a morte do pai.

Os quadrinhos japoneses encantaram Frank Miller, que escreveu e ilustrou a premiada minissérie Ronin (lançada no Brasil), sobre o karma de um samurai e um demônio. Na segunda metade da década de 80, Miller se dedicou mais ao texto, utilizando verdadeiros artistas gráficos, como o expressionista Bill Sienkiewicz, para ilustrar seus trabalhos. No ano passado, através da editora independente Dark Horse, Miller retornou ao desenho com Sin City, em preto-e-branco. A edição americana está disponível em bancas especializadas, e traz Frank Miller na sua fase mais madura.

Zé Dasilva



McFarlane (no destaque), criador do Spawn, é um dos responsáveis pelo crescimento das indies no mercado dos Estados Unidos

ESQUADRÃO DE ELITE

Autores consagrados trocam a burocracia das "grandes" pela liberdade das editoras independentes americanas

O que acontece quando, em 94, você tem uma HQ sobre dois caras de

capa que vão impedir uma maluca que quer dominar o mundo? Acertou quem disse "o acontecimento do ano". A historinha de *Spawn x Batman* não é grande coisa, mas isso não importa. O que realmente conta são os seus autores, Frank Miller e Todd McFarlane, e que o álbum representa: editoras independentes estourando nos Estados Unidos.

A Image, que lançou *Spawn x Batman* é o melhor exemplo. A segunda maior editora dos EUA (só perde para a poderosa Marvel) conseguiu este posto às custas de títulos com *Youngbloods*, *Wildcats* (grupos de mutantes a la X-Men) e principalmente o próprio *Spawn* - um camarada que morreu e não gostou muito da idéia. Fez então um pacto com o *coisa-ruim* que lhe devolve a vida e o enche de super poderes em troca de sua alma. Só que o demônio cansou de esperar e começou a mandar servos para acabar com *Spawn* e receber sua dívida. Quanto mais o cara luta contra as criaturas do inferno, mais perto chega seu fim

e o dia em que terá de entregar sua alma. Toda essa confusão que vende muito gibi foi criada e desenhada por Todd McFarlane, famoso por seu trabalho como o *Homem-Aranha* e já foi roteirizado por ases como Frank Miller, Alan Moore e Neil Gaiman.

Esse é outro trunfo poderoso das independentes: cada vez mais grandes nomes migram para ela. Além dos já citados John Byrne, Rob Liefeld e John Shooter, entre outros, aderiram. Dizem estar de saco cheio da burocracia das grandes editoras, de não poder decidir sobre seus personagens e

não receber direitos autorais sobre eles. Além disso, eles não têm mais vínculos, podendo lançar seus títulos pela editora que mais lhes convir.

Além da Image, as maiores forças independentes são a Dark Horse e a Valiant. Seus maiores hits são super-heróis e grupos de mutantes, em histórias que não fogem do padrão Marvel. A Dark Horse faz também adaptações de filmes de sucesso (*Exterminador do Futuro*, *Predador*, *Aliens*) e lançou *Robocop x Terminator*. Isso mesmo!!! O tão sonhado encontro de *megacyborgs*.

Correndo por fora, estão a Now Comics e a Eclipse, responsáveis, respectivamente, por *Syphons* (HQ sobre uma turma de super-heróis adolescentes) e *Grip* (surpresa, um grupo de mutantes). Como fazer para ler tudo isso? É só

correr até sua importadora favorita e esvaziar os bolsos. Nada disso foi lançado por aqui e nossas amadas editoras não parecem fazer muita questão.

Fábio Bianchini



A Image só perde para a Marvel



Spawn é o principal título independente

morra!



O melhor de Gaiman não sai no Brasil

Se você é um fã brasileiro de Neil Gaiman e não compra revistas importadas, está perdendo o melhor do seu roteirista predileto. A maioria das parcerias Gaiman/McKean, por exemplo, foi feita para as editoras inglesas. Violent Cases, feita em 87 para a falida Editora Tundra, recebeu três prêmios Eagle. Signal to Noise, inicialmente serializada na revista The Face, ganhou o prêmio Will Eisner 93. Há também Hellblazer n. 27, o recém-lançado Mr. Punch e a desconhecida Outrageous Tales of the Old Testament, sobre a Bíblia.

Quem pensa que Sandman é a única série feita pelo roteirista inglês precisa conhecer Miracleman, um super-herói fascista do futuro. Este título vinha sendo escrito por Alan Moore, que sugeriu Gaiman como substituto. Ao contrário de Sandman, Miracleman, segundo o autor, "só sai quando está perfeito". Não se pode prever o futuro da série, já que Gaiman rompeu com a editora Eclipse.

O roteirista inglês também colabora com outras revistas. Fez o n. 9 do megasucesso Spawn, de Todd McFarlane. Escreveu também HelloGabolus, que fala de uma sociedade asumidamente falocrática, para a revista Cerebus, de Dave Sim. Era para sair em uma edição de Sandman, mas Gaiman preferiu não arriscar. Há também a série Sweeney Todd, the Demon Barber of the Fleet Street, feita para a revista Taboo. Pra quem não sabe, Gaiman também escreve livros.

Good Omens relata a aparição de um anticristo moderno e Angels Visitations reúne contos do autor.

Entre todos esses trabalhos, talvez The Last Temptation, por ter sido feita para a Marvel, ainda saia por aqui. Mas o leitor brasileiro já tem que se dar por feliz por poder ler a edição brasileira de Sandman.

Minissérie de Neil Gaiman mostra que a morte pode estar andando entre nós

Você ainda vai sentir o toque dessa MULHER

Esta estranha terra de onde viajante algum jamais retornou.

Se para Shakespeare era um lugar, para seu conterrâneo Neil Gaiman trata-se de uma mulher. Ela tem um visual gótico, inspirado na cantora Siouxsie, da banda Siouxsie and The Banshees. Uma mulher docemente infantil, espontaneamente sensual, às vezes com uma vaga tristeza no olhar.

Sim, ela é a Morte. Pelo menos na cabeça de um sujeito que, entre outras coisas, fez o Diabotirar férias. Neil Gaiman, criador do já clássico gibi Sandman, é o roteirista da minissérie Morte: o Preço da Vida, que a parceria Globo/Devir trouxe ao Brasil em setembro. O álbum finalmente mostra como protagonista aquela que talvez seja a maior criação de Gaiman.

O Preço da Vida relata a ocasião em que a Morte deve passar um dia como mortal, para entender melhor o ponto de vista dos vivos. Isso acontece de cem em cem anos e, dessa vez, ela vem como uma adolescente chamada Didi. Para ela, todas as sensações deste mundo têm sabor de novidade: comer uma maçã,

ouvir música e até respirar são momentos especiais a serem desfrutados.

O outro personagem é *MILLY* Furnival, um adolescente com idéias suicidas. Aos 16 anos, está afundado na solidão urbana, não acredita no amor, no bem e no mal, no sucesso financeiro ou em mudar o mundo. A vida para ele é um tédio, um vazio.

É claro que estas figuras opostas se encontram ao acaso e, a contragosto do garoto, acabam passando juntos o primeiro e último dia de vida de Didi. Paralelamente, Mad Hettie - uma velhota de 250 anos de idade, que apareceu em Sandman 3 - quer a todo custo encontrar seu coração. Não, ela não é uma mortaviva. Hettie sabe que Didi é a Morte e pede a ajuda da jovem. Há também um velho místico sem olhos, metáfora de Gaiman para as ilusões metafísicas das religiões. Ele quer o *ankh*, símbolo que a garota traz pendurado no pescoço. Ele acredita que o objeto vai revelar os segredos da vida e da morte.

Reflexão - Gaiman lida o tempo todo com a idéia de valor. Trabalha a tensão entre o concreto, onde vida e morte nada significam, e as abstrações humanas. Como sempre,

evita os caminhos fáceis. Não faz um sermão moralista sobre o "valor da vida", nem transforma tudo na celebração estilo Mary Poppins da personagem Didi. Tampouco cede ao pessimismo quase absoluto do jovem Furnival. Viver vale a pena sim, mas não é nenhum mar de rosas.

Nesta série fica evidente uma das principais qualidades dos roteiros de Gaiman: a inteligência, o texto rico em leituras, que faz pensar. Entre os ingleses, pode ser menos visceral do que Alan Moore, mas é muito mais sutil. As vezes destrincha um raciocínio sofisticado em uma única imagem. Lê-lo é sempre um belo momento para reflexão.

Apesar disso, o Preço da Vida não é uma obra-prima. A arte de Chris Bachalo é bonita e competente, mas o negócio de Neil Gaiman é trabalhar com Dave McKean, não tem jeito. A maior habilidade do roteirista é explorar a dualidade entre o simbólico e o real. A tradução perfeita disso na arte é o estilo hiperrealista/expressionista de McKean, que fez as capas do álbum. No fim das contas, nada que torne injusto pagar R\$ 3,00 por cada uma das três partes da

minissérie.

Na última parte do álbum, na versão original, há um encarte sobre AIDS, escrito por Gaiman e desenhado por McKean com um traço mais simples, lembrando a minissérie Cages. Nele, a Morte dá explicações sobre a doença e sua prevenção. Junto com o personagem John Constantine, ela ensina como colocar uma camisinha. Antes que a Dona Evangelina berre, a demonstração foi feita com uma banana.

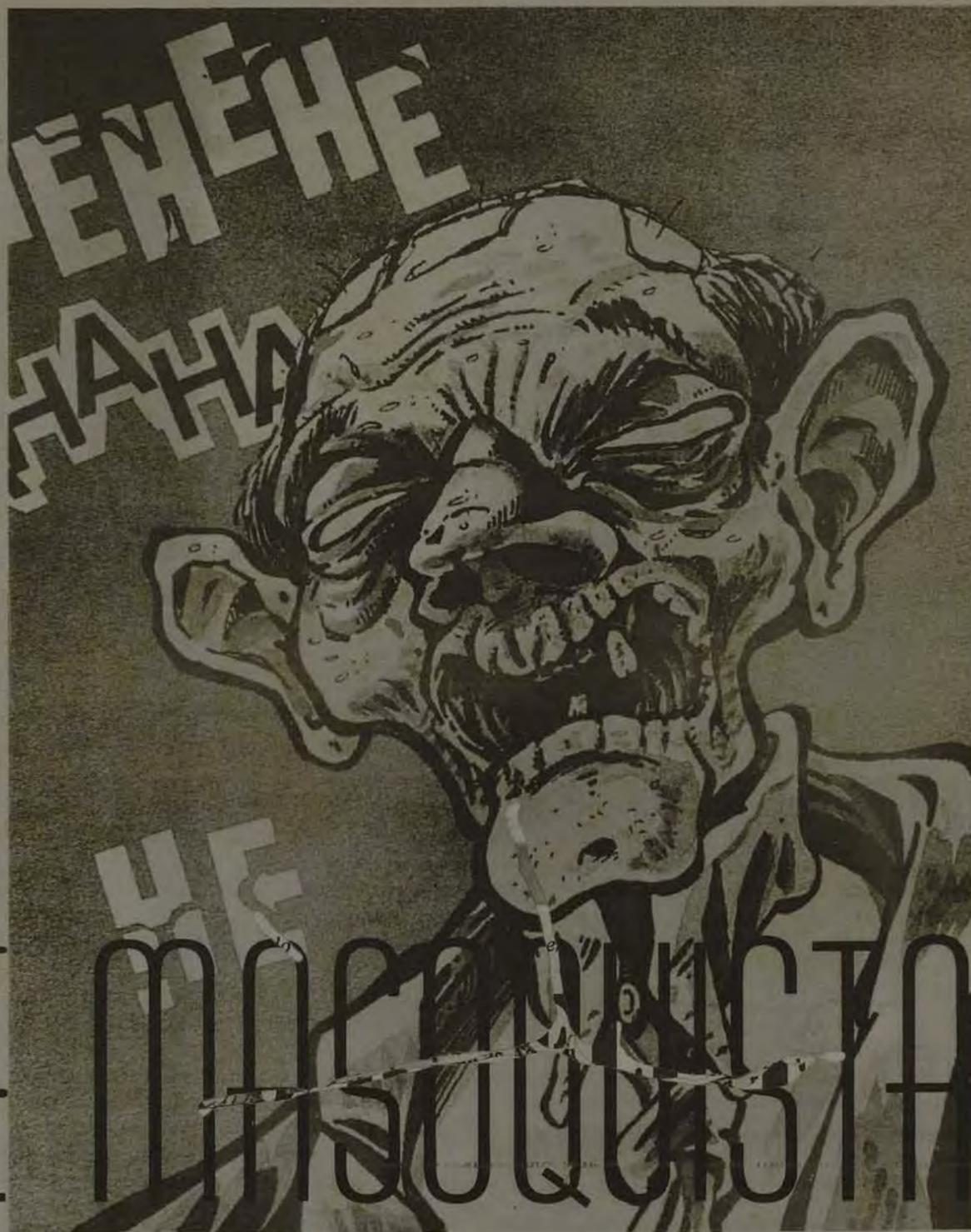
O roteirista inglês está mesmo gostando de trabalhar com músicos. Além de fazer uma minissérie tendo o roqueiro Alice Cooper como personagem principal - *The Last Temptation* - para o selo Marvel Music, a edição encadernada do original de *O Preço da Vida* tem uma introdução da cantora pop Tori Amos. Tori é uma "popista" cult, dada a canções tristes e grandiloquentes, uma das favoritas de Gaiman. Resta saber se essa edição vai ser lançada aqui. Do jeito que a coisa está...

Textos Alexandre Winck

deprê!

ZERO ZINE - FEV 95

ÊXTASE MASOQUISTA



Se Lourenço Mutarelli tivesse nascido nos primórdios dos quadrinhos e recebesse metade do reconhecimento devido, essa arte nunca teria o apelido de "comics". Não que não haja humor no trabalho dele, mas se houver um lugar para Mutarelli nos livros de história escritos pelos Disneys e Stan Lees, será como um dos artistas mais depressivos que esse gênero tão "alegre" já conheceu.

Se alguém acha que a tristeza de Mutarelli já não é uma novidade no quadrinho nacional, que está manjado, precisa muito ler *Eu te Amo Lucimar*. O álbum, lançado em outubro, traz experimentações e algumas das cenas mais agonizantes criadas pelo autor. Conta a história dos gêmeos Cosme e Damião, um deles gerado misteriosamente por uma tentativa do feto de sobreviver a um medicamento abortivo. Um sente as dores do outro. Quando Damião morre, Cosme sente em si a decomposição do cadáver. A descrição do processo é um misto assustador de realismo e delírio.

Amor? - O título é enganoso. *Eu te Amo Lucimar* nada tem de romântico. Mostra o amor da pior maneira possível. As personagens só encontram nesse sentimento mais um motivo para sofrerem com suas culpas e neuroses. Como na imagem do início do álbum, da mão que sai da água com o reflexo apontando para o fundo, o amor pode dar a impressão de estar sal-

vando a pessoa de se afogar, quando na verdade a está puxando mais para baixo.

Mutarelli sofre de síndrome de pânico, doença que faz com que a pessoa se sinta terrivelmente ameaçada sem motivo aparente. Neste álbum ele explora a influência fisiológica nos males da mente. Cosme resiste a todas as provocações de Damião, mas afunda num processo de enlouquecimento quando o irmão dá choques na cabeça dele com um revólver de mentira.

O álbum é marcado por comportamentos obsessivos, e muitas personagens sugerem ser *alter egos* distorcidos de Mutarelli. O pai dos gêmeos é um desenhista que passa o dia inteiro desenhando demônios que habitam seus pesadelos. O tio é um leitor contumaz de quadrinhos completamente alienado do mundo.

O autor pode não ter se tornado uma pessoa mais feliz, mas sem dúvida evoluiu como roteirista e desenhista. O texto está muito mais centrado, conciso, sem a fragmentação excessiva dos trabalhos anteriores. Isso se reflete no desenho. O uso da pintura, sem os traços ostensivos de *Transubstanciação* e *Desgraçados*, torna a leitura mais fácil. Não se perdeu a dramaticidade, pelo contrário. A editora Vortex caprichou, com uma edição em papel couchê.

O surpreendente é que, numa época de baixas vendas, Mutarelli está produzindo cada vez mais.

Vai ser um dos colaboradores de *Lúcifer*, nova revista da Circo Editorial, lançada recentemente. Ele também trabalha num novo álbum, *Histórias Quase Esquecidas*. É melhor que não tenha o mesmo destino de *Desgraçados* e *Lucimar*, que levaram pelo menos dois anos cada para serem concluídas e lançadas.

Reconhecimento - Apesar da realidade, é quase certo que Mutarelli não terá novamente concorrentes em premiações da categoria *graphic novel* nacional. O primeiro álbum dele, *Transubstanciação*, publicado em 91 pela editora Dealer, recebeu os prêmios de melhor história do biênio na primeira Bienal Internacional de Quadrinhos, o Prêmio Angelo Agostini de melhor desenhista nacional e o HQ-MIX de melhor *graphic novel* nacional. *Desgraçados*, de 93, lançada pela editora Vidente, venceu o HQ-MIX de melhor desenhista e melhor *graphic novel* nacional.

A maioria dos autores faz fama, prestígio e, às vezes, dinheiro explorando o sofrimento alheio. Mutarelli segue o caminho inverso. Nós é que nos deliciamos, numa espécie de êxtase masoquista, com o produto das angústias e problemas do autor. Lourenço Mutarelli transforma os leitores em vampiros de sua dor.

Alexandre Winck

Lourenço Mutarelli expõe suas neuroses no álbum Eu te amo Lucimar



Mesmo em um período de poucas vendas, Mutarelli prepara seu próximo álbum, *Histórias quase esquecidas*



Fortuna

UM DOS CEM MAIORES DO PLANETA

Crítica ao regime marcou a carreira do mestre

Fortuna bateu um recorde na literatura brasileira: trabalhou na história para crianças *Dababu* durante trinta anos e morreu sem tê-la publicado. O motivo? Simplesmente não a considerava pronta. Perfeccionista, desenhava como um artista plástico, usando materiais inusitados para um cartunista da imprensa diária – papel recortado, tintas de parede, cotonetes e até pincéis. Não hesitava em ignorar os apertados prazos do jornalismo em busca da qualidade, o que fez com que, no final da vida, fosse marginalizado pela grande imprensa.

Jamais chegou ao estrelato, como muitos outros desenhistas que passaram pelo *Pasquim*: Henfil, Jaguar, Millôr Fernandes, Ziraldo, Edgar Vasques, Nassara, Miguel Paiva, Santiago, Glaucio, Laerte, Claudius, Caulos, entre outros. Mas, dono de um traço extremamente elegante, era um profissional respeitado e admirado pelos colegas. Foi o único brasileiro a ser incluído na lista dos cem cartunistas mais importantes do mundo no Salão de Humor e Sátira de Gabrovo, na Bulgária.

Durante a ditadura militar, Fortuna raramente abandonava a crítica ao regime em troca da sátira do cotidiano, caminho mais cômodo seguido pela maioria. Numa recaída, entretanto, ele deu à luz sua mais conhecida e, como confessaria mais tarde, predileta criação: *Madame e seu bicho muito louco*. Tratava-se de uma dama da sociedade, cheia de brincos, colares e penteados mirabolantes, que vivia fora da realidade, numa eterna relação de perplexidade com o mundo ao seu redor. Quem mantinha os pés no chão – as patas, melhor dizendo – era seu cachorro, dono de uma aristocrático bigode de lorde inglês, que decifrava os enigmas da vida com invejável lucidez.

Resistência – Da prancheta de Fortuna saíram muitos cartuns que enfureceram os governantes e hoje são considerados símbolos da resistência à ditadura. *O general que governava sobre o cavalo* (ele não costumava dar nomes próprios às personagens) era uma sátira demolidora à prepotência dos militares golpistas. Nela, um homem fardado permanecia o tem-

Eu voto
Tu votas
Ele vota
Nos votamos
Vos votais
Eles vetam



po todo sobre o dorso do seu cavalo, mesmo quando sentava-se à mesa ou ia ao banheiro.

Em 1968, quando o AI-5 fechou as portas do Congresso Nacional, Fortuna desenhava um militar, sem cabeça, que retirava o prato virado para baixo do prédio do Congresso e o colocava sobre o prato virado para cima, formando um ovo. Uma sutil analogia que,

entre várias possíveis interpretações, lembrava uma boca se calando e o desequilíbrio da balança da Justiça.

As melhores charges desse tempo heróico estão reunidas nos livros *Abertos para balanço* e *Hay Gobierno?*, este último em conjunto com Jaguar e Claudius. Ele se manteve firme no combate à ditadura nas páginas do *Correio*



Quem? Adão? Ah, esse foi o primeiro.

da Manhã, depois de ter trabalhado nas revistas *A Cigarra*, *O Cruzeiro* e *Manchete* e ter colaborado com quase toda a imprensa ilustrada e em vários jornais cariocas.

Morte – Maranhense de São Luís, órfão de pai desde cedo, Fortuna mudou-se ainda adolescente para o Rio de Janeiro. Irrequieto, ele não ficou muito tempo nos veículos em que trabalhou – nem mesmo no *Pasquim*, que ajudou a fundar mas para o qual colaborava apenas esporadicamente. Começou desenhando historinhas nas revistas *Sesinho*, *Vida Infantil*, *Vida Juvenil* e *O tico-tico*, usando o pseudônimo “Chico Forte”. Em 1950, passou a fazer cartum e adotou a assinatura que carregaria pelo resto da vida.

Em 1975, quando os militares começaram a afrouxar, Fortuna lançou a revista mensal *O Bicho*, preocupado em criar um espaço exclusivo aos desenhistas brasileiros. O sonho durou apenas oito edições, mas contou com participações importantes como as de Laerte, Luis Gê e dos irmãos Paulo e Chico Caruso. Em 1977 ele se mudou para São Paulo, onde editou o suplemento cultural *Folhetim*, da *Folha de São Paulo*, o primeiro do gênero no Brasil. Assinava uma coluna chamada *Diz, Logotipo!*, em que satirizava, com uma frase engraçada, os símbolos das empresas famosas.

Em 1994, mais de quarenta anos depois de ter começado a desenhar, estava em plena atividade. Trabalhava em outro livro, que incluiria textos (Millôr Fernandes costumava dizer que Fortuna era o maior escritor de humor do Brasil, só precisava escrever), colaborava para a *Gazeta Mercantil* e preparava uma retrospectiva da carreira. Tudo interrompido pelo ataque cardíaco que o matou no dia 5 de setembro, aos 63 anos.



Amâncio Chiodi/AE

Morre uma das pioneiras do cartum brasileiro

No dia 14 de dezembro morreu em São Paulo, aos 81 anos, a chargista e caricaturista alemã Hilde Weber. Hilde foi uma das precursoras do cartum e da charge no país. Logo que chegou ao Brasil, em 1933, trabalhou nos *Diários Associados*, para Assis Chateaubriand e na *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda. Por mais de trinta anos também foi colaboradora do jornal *O Estado de São Paulo*. Hilde era uma cartunista de traços fortes e de um humor crítico e marcante. “Ela tinha uma personalidade artística extraordinária”, diz o cartunista Millôr Fernandes. Chargistas como Paulo Caruso e Liberati admitem terem sido influenciados pelos desenhos de Hilde. Em 1986 lançou o livro *Brasil em Charge - 1959-1985*, pela Circo Editorial. Além de seu trabalho na imprensa, Hilde Weber também se dedicou à pintura, cerâmica e xilogravura. Trabalhou com Alfredo Volpi na década de 40, pintando para decoração, além de participar de várias exposições individuais e coletivas e de cinco bienais de arte. Hilde foi casada com o jornalista Cláudio Abramo, morto em 1987.

Maurício Oliveira

Yan Boechat



Ele já foi lançado no Brasil mas continua desconhecido, mesmo sendo um dos maiores quadrinistas da atualidade. É dos melhores porque além de ser completo (cria roteiros, desenha, faz as colorizações), incorpora em sua arte reflexões agudas sobre o atual e o futuro estágio sócio-político dessa louca humanidade fim de século. Você vive presente e futuro através de um dos melhores traços dos anos recentes, com inventividade capaz de sugerir novas formas para personagens e cenários.

Enki Bilal, nascido em Belgrado em 7 de outubro de 1951, tem criatividade semelhante a de grandes criadores como Alex Raymond ou Jean "Moebius" Giraud, na construção de cenários e ambientes inusitados, de outras eras ou mundos. Todo o talento de um bom autor de ficção-científica também está vivo em seu desenho.

E mesmo as cores têm sua marca. Sua base é Paris, para onde foi levado pelos pais no início dos anos 60 e onde começou sua carreira, como ilustrador para a revista *Pilote*, ainda em sua fase semanal, em 72. Já quase trintão pôde demonstrar seu talento e suas ousadas criações na *Métal Hurlant*, revista da vanguarda dos quadrinhos que originou sua edição

americana *Heavy Metal*, até mais famosa. Foi aí que Bilal se impôs.

Continuando a colaborar com a *Pilote*, em suas séries fantásticas, conheceu o argumentista Pierre Christin, futuro parceiro constante, com quem produziu *A Feira dos Imortais*, *O Cruzeiro dos Esquecidos* e histórias como *As Falanges da Ordem Vermelha* e *A Caçada*, onde foram muito críticos com a realidade de nosso conturbado planeta. E eles acertam. Sua visão do mundo não tem o cinismo da maioria, mas é crua o suficiente para não deixar o leitor esquecer o mundo. É uma arte de verdade, delirantemente criativa mas não alienante.

Os Imortais, dois livros publicados no Brasil pela Martins Fontes, demonstram muito bem tudo isso: a essência de um artista que não faz arte apenas para os sentidos. Tanto quanto em *A Mulher Enigma*, Bilal fala da atualidade — a ação nefasta do poder, a solidão, o sexo, as drogas, o cenário de desolação de um mundo pós-industrial meio onírico, meio 1984, *Metrópolis* ou *Blade Runner*. A estética vai por aí, mas a abordagem e o traço trazem o impensado, o talento de um grande criador.

Enki Bilal está na vanguarda do quadrinho mundial, já que poucos fazem do quadrinho uma atitude de conexão com o mundo real. Suas novas formas estéticas e sólidas experiências vanguardistas nunca o afastaram do questionamento das problemáticas atuais. Ele consegue.

Ricardo Barreto

Jornalista e professor do Curso de Jornalismo da UFSC



...FINALMENTE ENGULO UMA, DEPOIS OUTRA...VERMELHAS AS DUAS.... UM POUCO DE ÁGUA NOS OLHOS, APAGO MINHAS LÁGRIMAS AZUIS....



... DEPOIS ME TRANCO, NUA, COM O SCRIPT-WALKER, NO QUARTO DE JOHN....O QUARTO ESCURO, SEM A SOMBRA DE UMA LETZ..... COMEÇO A ESCRIVER.... ERA UMA VEZ JOHN E EU.....



that's all, folks!

ZERO